



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

LEONARDO DA CONCEIÇÃO SOARES

**LITERATURA E CRISTIANISMO: UMA ANÁLISE DE *HARRY POTTER E AS
RELÍQUIAS DA MORTE***

**GUARABIRA/PB
2018**

LEONARDO DA CONCEIÇÃO SOARES

LITERATURA E CRISTIANISMO: UMA ANÁLISE DE *HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Infantil e Juvenil

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA/PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S676l Soares, Leonardo da Conceição.
Literatura e cristianismo: [manuscrito] : uma análise de Harry Potter e as relíquias da morte / Leonardo da Conceicao Soares. - 2018.
68 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras - CH."

1. Literatura infantojuvenil. 2. Cristianismo. 3. Harry Potter.
4. Intertextualidade.

21. ed. CDD 801.95

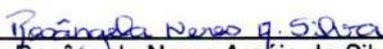
LEONARDO DA CONCEIÇÃO SOARES

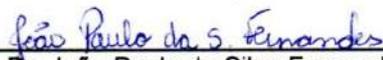
**LITERATURA E CRISTIANISMO: UMA ANÁLISE DE HARRY POTTER E AS
RELÍQUIAS DA MORTE**

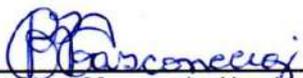
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 12/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araujo da Silva - Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Àquela que trouxe em seu seio o Senhor criador do mundo, a minha Senhora, meu bem, meu amor e Rainha do meu coração, a Santíssima Virgem Maria, por sempre estar comigo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Antes de todas as coisas, a Deus, por se revelar sempre o meu socorro e auxílio em todas as necessidades, pois, a sua presença ao meu lado é o que tem me levado adiante.

À Santíssima Virgem Maria, a quem entreguei toda a minha vida e que jamais me desampara nem me abandona.

À professora Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, por toda a dedicação na realização deste trabalho.

Ao meu pai Nildo, à minha mãe Maria, à minha avó Severina, à minha irmã Natália Fernanda e ao meu tio Josildo Isidro, pela compreensão por minha ausência em encontros de família e por todo apoio em minha formação.

Ao amor da minha vida, Clêysla Geovana, por toda a paciência e apoio em minha formação e por todo amor.

Ao Grupo de Missão Guardiões da Eucaristia, por todo o companheirismo e orações dirigidas em meu favor.

Ao professor Dr. João Paulo da Silva Fernandes e à professora Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, pela disponibilidade na análise deste trabalho.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB que contribuíram ao longo destes oito semestres, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos secretários do curso de Letras da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom...

J. K. Rowling (2015, p. 282)

Quando você tiver aquela última peça do quebra-cabeça, tudo ficará claro, assim espero...

J. K. Rowling (2015, p. 322)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal analisar os aspectos religiosos cristãos presentes na última obra da saga *Harry Potter*, de autoria de Joanne Kathleen Rowling, intitulada *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2015), na qual, em paralelo ao fenômeno linguístico da intertextualidade, elucidamos as características da religião cristã que são evidenciadas na última obra da épica saga. Propomos, inicialmente, uma apresentação histórica da literatura infantojuvenil e uma abordagem do fenômeno da intertextualidade, em seguida, exploramos as vertentes cristãs que circundam a saga como um todo, e por fim, fazemos um aprofundamento da última obra da saga, *corpus* deste trabalho, estabelecendo os processos intertextuais religiosos bíblico-cristãos trabalhados pela autora na sua escrita. Como parte do processo metodológico, adotamos um caráter exploratório e comparativo, sob o referencial teórico de Julia Kristeva (*apud* CORRALES, 2010; e SILVA, 2003), e de Teresa Cristina dos Santos Akil de Oliveira (2010), em que abrangemos o conceito de intertextualidade; os estudos acerca da literatura infantil de Lígia Cadernatori (2006), de José Nicolau Gregorin Filho (2009) e de Nelly Novaes Coelho (2000) e, sobretudo, os recentes estudos de Teresa Colomer (2017) acerca do processo histórico e da formação da literatura infantojuvenil e as especificidades deste gênero literário na atualidade. Buscamos ainda as análises de Douglas Pereira e Silva (2015), acerca da relação entre literatura e religião, e de João Fernando de Castro Gonçalves dos Santos (2015) sobre a religião cristã em *Harry Potter*. Deste modo, percebemos que a autora da saga *Harry Potter*, J. K. Rowling, a partir do fenômeno linguístico da intertextualidade, tratou de aspectos religiosos bíblico-cristãos ao longo de toda a saga, com uma maior evidência na última obra.

Palavras-Chave: Literatura infantojuvenil. Cristianismo. Harry Potter. Intertextualidade.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the issues present in the last work of the Harry Potter saga, by Joanne Kathleen Rowling, entitled *Harry Potter and the Deathly Hallows* (2015), in which, in parallel with the linguistic phenomenon of intertextuality, we elucidate the characteristics of the Christian religion that are evidenced in the last work of the epic saga. We propose, initially, a historical presentation of the juvenile literature and an approach to the phenomenon of intertextuality, then we explore the Christian aspects that surround the saga as a whole, and finally, we make a deepening of the last work of the saga, corpus of this work, establishing the intertextual biblical-Christian religious processes worked by the author in her writing. As part of the methodological process, we adopted an exploratory and comparative character, under the theoretical reference of Julia Kristeva (apud CORRALES, 2010 and SILVA, 2003), and Teresa Cristina dos Santos Akil de Oliveira (2010), in which we included the concept of intertextuality; the studies on the children's literature of Lígia Cadermatori (2006), by José Nicolau Gregorin Filho (2009) and Nelly Novaes Coelho (2000), and especially the recent studies by Teresa Colomer (2017) about the historical process and the formation of children's literature and the specifics of this literary genre today. We also sought the analysis of Douglas Pereira e Silva (2015), about the relationship between literature and religion, and João Fernando de Castro Gonçalves dos Santos (2015) on the Christian religion in Harry Potter. In this way, we realize that the author of the Harry Potter saga, J. K. Rowling, from the linguistic phenomenon of intertextuality, considered biblical-Christian religious aspects throughout the whole saga, with more evidence in the last work that composes the saga.

Keywords: Children's literature. Christianity. Harry Potter. Intertextuality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL ATUAL.....	13
2.1	O Percurso Histórico.....	17
2.2	Do Conto de Fadas a <i>Harry Potter</i>	21
2.3	Literatura e intertextualidade.....	25
3	LITERATURA E RELIGIÃO: OS SÍMBOLOS DO CRISTIANISMO EM <i>HARRY POTTER</i>.....	30
4	AS RELÍQUIAS DA MORTE: MAGIA E RELIGIOSIDADE CRISTÃ	46
5	CONCLUSÃO.....	65
	REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos em literatura, somos rapidamente tomados por ideias formadas e considerações que temos a esse respeito. Lembramos automaticamente das poesias, dos versos, dos textos estéticos, que permeiam nosso imaginário.

Aristóteles (2008), que foi o autor das duas principais obras da Antiguidade que trataram da literatura, *A Retórica* e *A Poética*, nos diz que a literatura se determina como a mimese da realidade, pois, segundo ele, a realidade mais natural ao ser humano é o ato de imitar, e isso o homem faz desde a infância. E é este fato que o diferencia dos animais, pois, o homem é o ser mais capaz de, por meio da imitação, adquirir os primeiros conhecimentos.

Por esta razão, a literatura é um campo da ciência que está, intrinsecamente, permeada por uma diversificação de outras áreas do conhecimento em suas obras, visto ser construída dentro de uma realidade. Esta realidade, mesmo que fictícia, traz, indubitavelmente, aspectos reais da sociedade na qual está inserida, que são outros conhecimentos, outros textos ou outras leituras, ao que Julia Kristeva chamou de intertextualidade.

Segundo Kristeva, (*apud* SILVA, 2003, p. 214) “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*”. Em outras palavras, nenhum texto é absolutamente novo, mas, são a soma de discursos, conceitos ou ideologias já existentes, que aparecem direta ou implicitamente em textos posteriores a sua primeira escrita.

A intertextualidade caminha paralelamente com a literatura e a literatura se utiliza dela para dialogar com o mundo externo ao próprio texto. Nesse sentido, se pode perceber que, em toda obra literária, existem eventos da própria sociedade agregados, como, por exemplo, aspectos políticos, econômicos, sociais e religiosos, ao passo que, mesmo que se trate de uma obra puramente ficcional, não deixa de abordar aspectos reais em sua composição.

Por este motivo, é que ainda hoje não é difícil encontrarmos a presença de aspectos religiosos cristãos em obras literárias, de forma que, mesmo na construção de textos novos, são resgatados aspectos e ideologias de textos e costumes antigos, como, por exemplo, a Bíblia Sagrada, coleção de livros que regem as

religiões cristãs. Estes são escritos que já existem, que fazem parte de uma memória social coletiva e que adentram à literatura e os textos literários.

Sabendo que a literatura possui um campo vasto e diríamos infinito, tomamos por bem delimitar o foco da nossa pesquisa em uma produção literária específica, ou seja, esclarecemos que o gênero de literatura que escolhemos abordar é a literatura infantojuvenil, que se diferencia da literatura dita para adultos pela sua especificidade no que concerne ao público destinatário.

A literatura infantojuvenil recebe esse nome não por se tratar de uma produção simples e carente ou como forma de menosprezá-la em relação as outras literaturas, mas, unicamente por esta abordar características particulares que fazem jus ao seu próprio nome. Em outras palavras, esta literatura se classifica por infantojuvenil pela especificidade do público ao qual se destina: as crianças, os adolescentes e os jovens.

Este gênero literário, que surge entre os séculos XVII e XVIII tendo como precursor Charles Perrault, nasce a partir de narrativas para adultos adaptadas para crianças, ou seja, de histórias preexistentes na oralidade para adultos. Uma visão muito diferente da que se formulou posteriormente e que se tem até a atualidade, de narrativas que nascem já com um olhar específico ao seu público alvo.

Trabalhos como os dos irmãos Grimm, na Alemanha, e Monteiro Lobato, no Brasil, nos séculos XIX e XX, e trabalhos como os de J. K. Rowling, no fim do século XX e início do século XXI, são evidências de que houveram influências na produção da literatura infantojuvenil e que o trabalho inicial de adaptação originou novas formas literárias, como, por exemplo, as histórias de aventura, que se destinam, já inicialmente, ao universo infantil e juvenil.

Em consonância ao fenômeno linguístico da intertextualidade, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo principal analisar os aspectos religiosos cristãos presentes na última obra da saga *Harry Potter*, de autoria de Joanne Kathleen Rowling, intitulada *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, no qual buscaremos elucidar as relações com a religião cristã que são abordados na última obra da referida saga.

Por objetivos específicos, propomos identificar as vertentes cristãs que circundam a obra *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, analisar os processos intertextuais adotados por J. K. Rowling ao longo da narrativa e comparar aspectos

da obra com aspectos religiosos cristãos, a fim de compreender e evidenciar os processos intertextuais trabalhados pela autora na escrita de *Harry Potter*.

Como parte do processo metodológico, este trabalho tem um caráter exploratório e comparativo, pois, fundamentado em um fenômeno da linguagem pelo qual os estudos literários e linguísticos se debruçam, ou seja, a intertextualidade, busca evidenciar os elementos cristãos manifestos ou implícitos na última obra da saga *Harry Potter* para então compará-los a dogmas cristãos e a própria Bíblia Sagrada, que se caracteriza como livro base deste credo religioso específico.

A necessidade de uma apresentação dos aspectos intertextuais da literatura com o cristianismo foi o que nos levou ao desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, tomamos por *corpus* deste trabalho uma obra que é um fenômeno mundial da literatura infantojuvenil, mas, que por se tratar de uma pesquisa inovadora na academia, existem poucas pesquisas neste aspecto da intertextualidade cristã na saga, mesmo com a autora afirmando a sua existência.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, tomamos por referencial teórico o conceito de intertextualidade abordado por Julia Kristeva (*apud* CORRALES, 2010; e SILVA, 2003) e por Teresa Cristina dos Santos Akil de Oliveira (2010); os estudos acerca da literatura infantil de Lígia Cadermatori (2006), de José Nicolau Gregorin Filho (2009) e de Nelly Novaes Coelho (2000) e, sobretudo, os recentes estudos de Teresa Colomer (2017) acerca da formação da literatura infantojuvenil e as especificidades deste gênero literário na atualidade. Assim como, os trabalhos de Douglas Pereira e Silva (2015), acerca da relação entre literatura e religião, e de João Fernando de Castro Gonçalves dos Santos (2015) sobre a religião cristã em *Harry Potter*.

Este trabalho de conclusão de curso encontra-se dividido nas seguintes partes: O primeiro capítulo nomeado "Os caminhos da literatura infantojuvenil atual", aborda os caminhos da literatura infantojuvenil ao longo do tempo, desde os primeiros enfoques com Charles Perrault, o desenvolvimento do conto de fadas até a presença desse tipo de literatura nos dias atuais com a saga *Harry Potter* de Joanne Kathleen Rowling, assim como, os conceitos e noções da intertextualidade.

No segundo capítulo, intitulado como "Literatura e religião: os símbolos do Cristianismo em *Harry Potter*", expomos as aparências dos aspectos religiosos cristãos que são encontrados na saga *Harry Potter* que revelam as ligações

intertextuais trabalhadas pela autora no desenvolvimento da referida saga que pertence ao campo da literatura infantojuvenil atual.

No terceiro capítulo intitulado “As Relíquias da Morte: magia e religiosidade cristã”, apresentamos a análise da obra, *corpus* de nossa pesquisa, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, que é o livro que encerra a épica saga do universo de *Harry Potter* de Joanne Kathleen Rowling. Neste capítulo, elucidaremos a presença marcante da intertextualidade religiosa cristã e bíblica que está presente na obra.

Por fim, temos nossas considerações finais em que procuramos sintetizar aquilo que foi exposto no trabalho fundamentado nos estudos nos quais nos atemos a pesquisar. Em seguida, concluímos com as referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento e enriquecimento deste trabalho, a fim de dar consistência e legitimidade à nossa pesquisa.

2 OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL ATUAL

Tudo quanto existe no mundo tende a passar por um processo evolutivo que é a transformação de sua configuração inicial, de forma que o que observamos hoje não se compara ao que foi em seu início. Esse fato é também presente na literatura. Ao longo da história, a literatura sofreu diversas influências, mostrando que as características que observamos hoje em sua composição não são iguais às do seu surgimento.

A literatura, em sua abrangência geral, tem seu surgimento nos primórdios da humanidade ainda com a tradição oral, pois, nasce em um período em que o homem sequer dominava a escrita. Já na era do escrito, o primeiro texto sobre a arte literária que se tem conhecimento foi *A Poética*, de Aristóteles, que data por volta de 335 a. C. e retrata o sentido mimético da literatura, em outros termos, o sentido da imitação.

Na atualidade, no que se refere à literatura, existem incontáveis obras literárias presentes no mundo inteiro dos mais variados gêneros, que atendem aos mais variados gostos e interesses e que se destinam aos mais variados e exigentes públicos, como por exemplo as obras destinadas ao público infantil e juvenil, que são assim denominadas em atenção ao público ao qual se destinam.

Apesar da literatura infantojuvenil ser muito mais recente que a literatura para adultos, nota-se que ela também sofreu mudanças desde o seu surgimento até hoje. Iniciada por Perrault no século XVII, a partir de adaptações de histórias orais direcionadas ao público adulto, passa no século XIX pelos irmãos Grimm, na Alemanha, e, no século XX, por Monteiro Lobato, no Brasil, até chegar à produção literária infantojuvenil tal como conhecemos hoje.

A característica que sempre esteve presente neste gênero de literatura foi a fantasia. Como veremos adiante, os elementos fantásticos sempre estiveram entrelaçados à literatura infantojuvenil. Entretanto, segundo Colomer (2017), só no período compreendido entre as guerras mundiais, é que a fantasia se consolidou como forma dominante, de forma que muitos dos imaginários fantásticos que conhecemos hoje, fixaram-se neste período.

É também observado que, apesar de nesse período entre guerras já serem observadas prévias da personificação de objetos, foi nesta época que esta característica se firmou na literatura infantojuvenil. Além dos animais humanizados que já eram encontrados nas produções infantojuvenis iniciais, a partir deste

momento surgem objetos como brinquedos e utensílios com atributos humanos, enraizando ainda mais fundo os elementos fantásticos.

Entretanto, vale ressaltar que após a Segunda Guerra Mundial a pedagogia racionalista e as correntes realistas afastaram os elementos fantásticos da literatura infantojuvenil, considerando a dificuldade de agradar ao público juvenil desta época. Então, as publicações deste período adotaram um caráter extremamente realista e a fantasia foi ficando distanciada.

Teresa Colomer (2017), afirma que ao longo da evolução houve uma mudança nos valores transmitidos pelos livros. O mundo que era refletido nas obras foi obrigado a atualizar sua imagem a fim de corresponder às mudanças sociológicas e as novas preocupações sociais, e a literatura dirigida à infância foi influenciada pelos sistemas culturais e artísticos, sendo criados novos tipos de livros atendendo uma sociedade envolvida pelas novas tecnologias.

Como se sabe, as histórias da literatura infantojuvenil em seu período inicial eram dotadas de um caráter pedagógico, de forma que o principal objetivo das narrativas para crianças nesse período era a transmissão de valores. Não obstante que ainda hoje as fábulas trazem uma característica particular em sua composição que é a lição de moral ou moral da história. Inicialmente era muito evidente o fim didático das narrativas para crianças.

Na perspectiva nova da literatura infantojuvenil, que compreende os períodos posteriores a década de 1970, certifica Teresa Colomer:

Os livros infantis se encheram de humor e de fantasia, de personagens ociosos, ternos e absurdos, mas enfrentando também a ambiguidade dos sentimentos, a complexidade dos conflitos e as mudanças de perspectivas. Uma constelação de novos valores, o triunfo da fantasia e a ampliação dos temas tratados são três traços distintivos da literatura infantil e juvenil na atualidade. (COLOMER, 2017, p. 190).

Nesta nova perspectiva da literatura infantojuvenil, são demarcados dois momentos. O primeiro, que compreende as décadas de 1970 e 1980 onde as sociedades eram intituladas pós-industriais, é marcado por suas muitas experimentações no campo da literatura infantojuvenil. O segundo que inicia em 1990 e início do século XX e se estende até os dias atuais, mostra o acalmar dos experimentos e a apresentação das novidades obtidas.

Vale salientar que, apesar de no primeiro período da sociedade pós-industrial, em 1970, já se considerar a literatura infantil e juvenil portadora de uma nova visão, as obras literárias deste período ainda traziam em sua composição a marcação de objetivos iniciais, como, por exemplo, a transmissão de valores e a presença dos fins pedagógicos como finalidades principais.

Contudo, o primeiro momento apresenta algumas particularidades que irão ser de grande valia para a evolução literária. A primeira característica foi a transmissão de novos valores sociais, ou seja, como afirma Bernstein (1975, *apud* Colomer, 2017) os autores de livros infantis separaram-se das correntes realistas e dos valores cívicos que predominavam o mundo desde a Segunda Guerra Mundial.

Relacionado a esta primeira característica, surge neste primeiro período a reivindicação da fantasia, onde os autores da literatura infantojuvenil passaram a retomar o uso dos elementos fantásticos, pois, buscavam um rompimento com os padrões que estavam a imperar nos livros infantis daquele período, ou seja, o grande caráter realista que as obras receberam. A retomada da fantasia tornou-se parte essencial das novas hipóteses educativas.

Os aspectos fantásticos na literatura infantojuvenil são retomados e se levantam com força total, constituindo uma das características principais da literatura infantojuvenil, tal como afirma Colomer (2017, p. 192) “A fantasia se associou à própria função literária dos livros infantis, de maneira que o predomínio realista anterior chegou a desqualificar-se como uma forma da ficção ligada ao propósito didático”.

Neste primeiro momento, observa-se como característica predominante a ampliação dos temas compreendidos pela literatura infantojuvenil que passam, a partir de então, a abranger temáticas que até então não eram tratadas com crianças, visto ainda ser defendida a concepção de inocência infantil. A partir deste momento surgem nas narrativas infantis a presença das doenças, dos maus-tratos e da morte, que até então eram silenciados.

Já no segundo momento em que a sociedade deixa de se intitular por pós-industrial e passa ao que se chama de sociedade global existe um acalmar dos experimentos na literatura infantojuvenil e começam a surgir os resultados das décadas de experimentações. Neste período, as produções passam a retomar aspectos da literatura que haviam mostrado sua eficácia anteriormente. É então que iniciam as reedições das obras clássicas.

Neste período observa-se que enfim a literatura infantojuvenil se liberta do seu caráter pedagógico e passa a ser vista como literatura propriamente dita. O que ganha espaço neste momento é o entretenimento, o fantástico que é capaz de envolver o público a que se destina e conferir o prazer pela leitura literária. Os novos valores, o cume do fantástico e a amplitude temática provindas do período antecedente conduzem as produções literárias deste tempo.

Um outro fator relevante de ser destacado na literatura infantojuvenil do segundo período foi a modernização da representação de mundo pela literatura, que pôde caracterizar a literatura como realista, contudo, de um tipo diferente do anterior. Segundo Colomer (2017), observam-se nas novas narrativas quatro novidades: as mudanças sociológicas na família, as novas críticas sociais, a multiculturalidade e a preservação da memória histórica.

Primeiro, a família que sempre esteve presente nas histórias infantojuvenis, nesta nova linha, assumiu novas modalidades, distantes das famílias tradicionais que são normalmente compostas pelos pais e por um ou dois filhos. Foram apresentadas famílias onde havia-se apenas um parente verdadeiro, mães solteiras, assim como, pares homossexuais, filhos cuidados por avós e crianças órfãs cuidadas por parentes.

Segundo, a literatura para adultos sempre teve um caráter crítico em sua constituição, de forma que foi utilizada ao longo da história como um canal para veiculação de denúncias e críticas sociais. Essa característica, que era predominante nas obras literárias adultas, chega aos escritos infantojuvenis das produções atuais. Segundo Colomer (2017, p. 204) “A descrição realista de todos estes temas denominou-se realismo crítico”.

Em terceiro, também se tornou evidente nas obras da literatura infantojuvenil atual a presença da multiculturalidade. Esse evento deu-se pelo fato da necessidade do diálogo e o conhecimento entre as múltiplas culturas, visto poucas décadas atrás serem desencadeadas duas Guerras Mundiais. O estímulo pelo conhecimento das variadas raças e culturas tornou-se um dos principais valores a serem transmitidos pela literatura infantojuvenil.

Por fim, em quarto, buscou-se neste período literário inovado um resgate da memória histórica social pela literatura, trazendo de volta às histórias modernas acontecimentos históricos, não para que se conte o que aconteceu em dada época,

mas, para que estas ocasiões históricas forneçam aos leitores infantis e juvenis uma interiorização de valores futuros.

Essas características foram essenciais para as novas escritas literárias que se sucederam até os dias atuais. Teresa Colomer (2017), afirma que estes critérios se tornaram visíveis na constituição da narrativa psicológica, na reformulação dos gêneros fantásticos, na literatura pós-moderna com a adaptação de gêneros adultos a exemplo da ficção científica e a literatura policial e, por fim, nos novos tipos de livros a exemplo dos livros brinquedos.

Dentro desse vasto campo literário infantojuvenil, não poderíamos deixar de citar a criação de narrativas para adolescentes que, a partir destes novos critérios, ganharam perspectivas modernas, como é o caso da saga *Harry Potter* de Joanne Kathleen Rowling, que já é fundamentada nesta nova linha. A esse tipo de narrativa nos deteremos adiante de forma mais concreta.

Considerando a literatura infantojuvenil atual, foram estes os caminhos seguidos para que se chegasse às produções literárias contemporâneas. Entretanto, como já foi dito, a literatura infantojuvenil não tem seu início na sociedade pós-industrial, mas, no século XVII na França com Charles Perrault. Para que se possa ter uma maior compreensão dos fenômenos infantojuvenis atuais faz-se necessário uma volta no tempo até o nascimento desta literatura.

2.1 O Percurso Histórico

A presença de uma literatura voltada exclusivamente para crianças, adolescentes e jovens é algo que está estritamente ligado às sociedades modernas, pois, só foram evidenciados os primeiros resquícios dessa literatura no período compreendido entre os séculos XVII e XVIII, no período da ascensão da ideologia burguesa, um fato que revolucionou a visão tida em relação à criança. A esse respeito Gregorin Filho afirma:

Não se via a infância como um período de formação do indivíduo; a criança era vista como um adulto em miniatura, uma etapa a ser rapidamente ultrapassada para que o indivíduo se tornasse um ser produtivo e contribuísse efetivamente na e para a comunidade. Vários exemplos há na literatura e no teatro nos quais se pode observar o tratamento às vezes áspero direcionado à criança. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 38).

Durante a Idade Média, não se tinha a visão da infância como uma etapa de construção da personalidade do indivíduo, mas, a criança já era vista como um ser formado ao ponto de serem tidas como adultos em miniatura. Comprometidos com esse pensamento, não havia atenção para uma produção específica à fase infantil, mas, por serem adultos em miniatura, a produção adulta era capaz de abranger todo esse campo.

O escritor francês Charles Perrault foi o primeiro a realizar um trabalho voltado a criança no que diz respeito à literatura. Segundo Cadermatori (2006), Perrault faz a coleta de contos e lendas que pertenciam ao universo medieval e os adapta, em primeiro momento à burguesia e em seguida para as crianças. Foi neste processo que se constituiu o chamado conto de fadas, que por muito tempo foram paradigma ao gênero infantil.

A coleta de contos e lendas empreendidas por Perrault compreendem histórias que estavam inseridas na literatura oral, ou seja, eram histórias que não tinham registros escritos, mas, que perpassaram ao longo das gerações oralmente. Nas adaptações empreendidas por Perrault as narrativas ganharam características do público a quem se destinavam: a burguesia. Um tema popular trabalhado e enriquecido de detalhes para agradar a classe endereçada.

Os detalhes de uma escrita, muitas vezes, revelam o seu destinatário. Segundo Cadermatori (2006) os propósitos moralizantes acrescidos por Perrault não pertencem as camadas populares de onde os contos saíram, mas, exclusivamente aos interesses pedagógicos burgueses, assim como outros aspectos que são presentes nos contos como a referência à vida na corte, à moda feminina e o estilo das casas em estrutura e mobília.

No que se refere aos contos populares, afirma Colomer (2017, p. 134):

[...] cabe destacar que os contos populares são as produções literárias que mais influenciaram a formação da literatura infantil: em primeiro lugar, porque uma parte destes contos sobrevive quase exclusivamente na literatura dirigida à infância; e em segundo, porque os autores de literatura infantil utilizaram abundantemente os elementos próprios destes contos.

Portanto, o papel de Charles Perrault foi sempre o de um adaptador, buscando nestas histórias existentes para adultos uma ligação ao universo infantil. Apesar do trabalho de Perrault ser o de uma adaptação, rendeu-lhe a alcunha de pai

e precursor da literatura infantil. O responsável por abrir caminhos para um universo infinito de produções em um gênero que, até os dias atuais, se encontra em grande crescimento.

Vale salientar que o momento no qual Perrault está inserido é um período conflituoso no aspecto religioso, principalmente pela grande violência da Contra-Reforma empreendida pela Igreja Católica. Segundo Cadermatori (2006, p. 37) "A despeito do processo de cristianização desenvolvido pelo poder nesse período, ao cristianismo obrigatório do povo se mistura um paganismo residual que ganha aparências múltiplas".

O que a autora quer dizer é que, ao passo que se propagavam os ritos da Igreja cristã neste período, ao seu lado caminhavam e se consolidavam também as superstições, de forma que os deuses pagãos são cristianizados sob a figura dos santos católicos. Sob esse caráter o folclore ganha força, onde surgem nos contos elementos maravilhosos, sobretudo, a manifestação dos elementos fantásticos e mágicos.

Não obstante é o fato de estes aspectos mágicos, fantásticos e maravilhosos estarem na essência do conto de fadas. Como foi dito anteriormente, neste período a criança era vista como um adulto em miniatura. Nesse conceito acreditava-se que a única diferença entre os adultos e os adultos em miniatura (crianças) era o seu estágio de maturação, e a literatura poderia acelerar esse processo.

Foi então este o primeiro momento de que se tem conhecimento em que a literatura passou a ser direcionada à criança. Conforme Cadermatori (2006) foi talvez neste momento que se fortaleceram os laços entre a literatura popular existente e a literatura infantil nascente, que foi exatamente a aproximação entre as duas ignorâncias: a do povo pela condição social e a da criança pela infância ou pouca idade.

Após o trabalho de Perrault essa aproximação não se esgotou, mas, surgiram outros autores que deram segmento a esta produção no mundo inteiro, permanecendo resquícios até os nossos dias. Segundo Lígia Cademartori:

No século XIX, outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (*João e Maria*, *Rapunzel*), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (*O patinho feio*, *Os trajes do imperador*), o italiano Collodi (*Pinóquio*), o inglês Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O*

mágico de Oz), o escocês James Barrie (*Peter Pan*) constituem-se em padrões de literatura infantil. (CADEMARTORI, 2006, p. 33-34).

Logo, como se pode observar, a literatura infantojuvenil nasce com um fim estritamente pedagógico que vai se arrastar até muito longe nas produções para crianças ao longo das décadas. Assim como, outra questão a ser observada, é que o fator responsável pela consagração de Perrault como iniciador da literatura infantil se dá pelo grande feito da aproximação da literatura popular à esta literatura.

Entretanto, Cademartori (2006) afirma que, na realidade, essa literatura já existia antes mesmo de Perrault, sob duas formas: primeiro, na forma de literatura pedagógica, na cultura erudita, como, por exemplo, os textos dos jesuítas, e em segundo, na literatura oral, pertencente a vertente popular, no grande domínio dos contos da advertência com ditos e provérbios, critério que, entre tantos outros, garantiu a receptividade dos contos de Perrault.

Vale salientar ainda que, pelo fato da literatura infantojuvenil ter sido vista e trabalhada apenas como fenômeno educativo por muito tempo, surgem ainda hoje questionamentos acerca deste tipo de literatura, levantando questões como a seguinte: a literatura infantojuvenil é apenas uma ferramenta pedagógica ou é literatura como qualquer outra obra literária que foi escrita para o público adulto?

No início dos debates sobre este tema e buscando responder a este questionamento, Nelly Novaes Coelho afirma que "A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização". (COELHO, 2000, p. 27).

Segundo Cademartori (2006), as narrativas coletadas por Perrault obedecem a dois momentos que precisam ser levados em consideração: em primeiro, o momento do conto folclórico que circula entre os adultos sem endereçamento, e em segundo, quando os contos são adaptados e endereçados a um público específico: a criança, onde inicia-se a presença dos valores moralizantes nas histórias e onde as personagens que quebram regras, são punidas.

O trabalho de Charles Perrault percorreu distâncias que ele próprio jamais imaginaria. A partir da adaptação das histórias que pertenciam ao folclore onde os contos populares se distinguiram como literatura para crianças em um contexto literário infantil escrito, surgem as narrativas de aventuras, as histórias realistas com

protagonista infantil, as histórias de animais e as narrativas fantásticas de humor, todas voltadas às crianças e jovens.

Como assinalamos anteriormente, o conto de fadas foi por muito tempo paradigma ao gênero infantil, ou seja, foi o modelo que se pôde tomar por ponto de partida para toda produção infantojuvenil posterior. Levando em consideração o objetivo do presente trabalho com a obra contemporânea *Harry Potter e as Relíquias da Morte* de J. K. Rowling, convém uma contextualização da evolução do conto de fadas até a escrita de *Harry Potter*.

2.2 Do Conto de Fadas a *Harry Potter*

Stith Thompson (*apud* Colomer, 2017) classificou os contos populares em nove tipos. Em primeiro, o conto de fadas ou conto maravilhoso, depois a novela, os contos heroicos, as lendas, o conto etiológico, o mito, os contos de animais, a fábula e o chiste ou facécia. Foram, portanto, estas as modalidades classificadas por contos populares que circulavam oralmente por entre a camada popular.

Podemos dizer que fora este gênero antigo a dar vida à literatura infantojuvenil. Neste ponto é cabível uma apresentação das modalidades dos contos populares que incentivaram as narrativas infantojuvenis atuais. Em primeiro lugar, o conto de fadas ou conto maravilhoso. Anteriormente apontamos o que eram os contos populares e quais as suas modalidades, no entanto, o que é o conto de fadas? E quais as suas características? Segundo Thompson:

O conto de fadas ou conto maravilhoso. Refere-se a um relato com elementos fantásticos, situado em um mundo irreal (ou, pelo menos, sem localização determinada), de origem anônima e transmissão oral, no qual costumam aparecer personagens com poderes especiais, tais como fadas, ogros, bruxas, duendes etc. Situam-se aqui, por exemplo, os contos recontados pelos irmãos Grimm ou pelo estudioso russo Afanasiev. (THOMPSON, *apud* COLOMER, 2017, p. 135).

Vemos, portanto, a particularidade do conto de fadas, pois, este se constitui dentro de uma realidade ficcional, com elementos, espaços e personagens ficcionais, no entanto, agradam e ganham espaço sob o mundo real, hoje, sobretudo, no universo infantil. De tal modo que atualmente é difícil que haja no

mundo ocidental uma pessoa que nunca tenha ouvido ou lido algum conto maravilhoso.

Além do conto de fadas, uma outra modalidade que influenciou e influencia as produções atuais da literatura infantojuvenil são os contos heroicos. Segundo Thompson (*apud* COLOMER, 2017, p. 135) "Os contos heroicos, relatos extraordinários de lutas levadas a cabo por um herói determinado, seja histórico ou imaginário, e organizados em forma de ciclos, por exemplo, o ciclo do rei Artur na Bretanha".

Nos contos heroicos, existe o protagonismo de um herói que tem por objetivo a luta pelo bem em oposição ao mal e as obras malignas que são geralmente centradas na figura de um antagonista ou antagonismo. Não necessariamente precisam haver nesta narrativa aspectos fantásticos, mas, a própria aventura do combate do bem contra o mal é capaz de despertar o envolvimento das crianças, adolescentes e jovens.

Por fim, das modalidades de contos populares que também possuem aspectos que permanecem vivos nas narrativas atuais estão as fábulas. Segundo Thompson "A fábula. Com alguma exceção (como a da leiteira), é um conto de animais que tem o propósito de educação moral, geralmente explícito; por exemplo, as fábulas de Esopo, no século VI a.C.". (THOMPSON, *apud* COLOMER, 2017, p. 135).

Além da definição apresentada, as fábulas também são muito utilizadas e conhecidas, sobretudo, pela personificação dos animais. Nestas narrativas, que são geralmente breves, os animais são dotados de características humanas como a linguagem, o pensamento racional, assim como, qualquer realização que são próprias do ser humano. Animais com essas características ainda hoje estão presentes em muitas das narrativas infantojuvenis.

Como uma atualização do conto de fadas, posteriormente surgiram na literatura infantojuvenil as narrativas fantásticas e de humor. Colomer (2017) afirma que as narrativas incluíram elementos irrealis em relação aos traços típicos dos contos populares, sobretudo, pelo grande interesse pelo folclore. Pode ser citado por pertencente a este tipo de narrativa *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Ainda segundo Colomer:

A passagem para um mundo da fantasia com animais falantes, poções mágicas, rimas absurdas, adivinhações ou jogos de palavras mostram a dívida folclórica de Carroll, mas a decidida ampliação das possibilidades da ficção fantástica empreendida por ele e seguida por muitos outros autores posteriores fez com que, gradualmente, os temas de imaginação fossem ocupando o coração da literatura infantil e juvenil. (COLOMER, 2017, p. 163-164).

Observamos que existe a presença de resquícios dos contos populares, contudo por sob uma nova roupagem, com aspectos inovados e atualizados. O aspecto fantástico ganhou tanta força na literatura infantojuvenil que é difícil se referir a um e não se lembrar do outro. Entretanto, apesar deste grande envolvimento nem todo texto infantojuvenil atual apresenta aspectos fantásticos. Existem outros parâmetros que também são abraçados.

Por conseguinte, a modalidade que atualizou as fábulas foram as histórias de animais. Segundo Teresa Colomer, além da personificação dos animais nas fábulas, as novas escritas envolvendo animais adotaram duas formas com que puderam sobreviver até a atualidade:

Em primeiro lugar, sua utilização como personagens antropomórficos que substituem a sociedade humana nos livros para os menores. [...] Em segundo lugar, desenvolveu-se também a descrição realista dos animais, normalmente convivendo com protagonistas infantis ou adolescentes para tratar os sentimentos de afeto, de lealdade ou de socialização em geral. (COLOMER, 2017, p. 162).

Em outras palavras, surgiram em primeiro lugar nas narrativas os animais que ocupavam o lugar dos seres humanos dentro de uma sociedade, com características personificadas, onde eles mesmos eram os protagonistas. Em segundo lugar, a presença de animais que convivem com um protagonista, geralmente infantil ou juvenil, como seu bichinho de estimação à fim de cultivar sentimentos no leitor para com o mundo animal.

Por fim, como nova perspectiva dos contos heroicos, surgem as narrativas de aventura e as histórias realistas com protagonista infantil. Segundo Colomer (2017) a aventura foi um dos gêneros narrativos mais estáveis na oferta durante o século XIX. “O padrão geral da luta pela sobrevivência em um cenário longínquo se desfez em variantes que configuraram diferentes linhas de grande sucesso posterior”. (COLOMER, 2017, p. 156).

Entrelaçado as histórias de aventura, um outro fator que contribuiu para o sucesso destas narrativas foram as histórias realistas que tinham como protagonista personagens infantis. Nestas narrativas com protagonistas infantis, foram inclusas as histórias de órfãos que são criados em uma situação diferente da que lhes era de direito, mas, que ao longo da narrativa recuperam o lugar que lhes pertencem ou por adoção ou por reencontro.

Vemos nas narrativas atuais infantojuvenis, além de uma junção destas múltiplas modalidades dos contos populares e gêneros posteriores que apresentamos, uma influência do *“realismo mágico”* da literatura adulta da década de 1970. Nestas perspectivas da narrativa atual, diz Colomer (2017) que se criou uma nova forma de ficção fantástica que se distribui na reformulação dos usos tradicionais do folclore, originando um tipo de *“fantasia moderna”*, e um novo gênero denominado *“alta fantasia”* ou *“fantasia épica juvenil”*.

Fundamentados nas ideias da autora, convém apresentar as principais características desta fantasia épica juvenil atual:

- a) A ficção se situa em um mundo secundário fechado ou, principalmente, em mundos que mantêm fronteiras com o mundo real e que os permeabilizam, de forma que os seres fantásticos irrompem neste ou vice-versa;
- b) Normalmente, trata-se de um mundo “antigo”, cheio de referências a tradições míticas, distantes equilíbrios agora rompidos, presenças sobrenaturais ou poderes mágicos que remetem em conjunto à natureza e ao poder da palavra para conjurar e dominar o mundo;
- c) O herói tem de enfrentar forças adversas que se concretizam em um adversário que atua como a figura que é seu oposto;
- d) Os personagens são muito numerosos. Alguns dividem o protagonismo com o herói e criam equilíbrio em relação a afetos, habilidade, poderes e sabedorias;
- e) A ação se desenvolve por meio de um grande número de episódios cheios de aventuras pontuais e do desdobramento estratégico de grandes batalhas;
- f) Habitualmente existe uma entrada de concreto que se deve cruzar para chegar ao mundo fantástico e, a partir dali, o herói empreende sua grande

viagem até cumprir a missão que conduzirá ao restabelecimento do equilíbrio entre o bem e o mal;

- g) O final mostra o triunfo do bem e satisfaz a expectativa de um mundo melhor;
- h) O relato usa o recurso da *intertextualidade*. (COLOMER, 2017, p. 217-218).

Qualquer leitor de literatura infantojuvenil é capaz de identificar estes elementos esboçados pela autora em qualquer narrativa deste mundo literário, pois, estas características estão muito evidentes na escrita de livros e sagas infantojuvenis atuais como, por exemplo, no universo da saga *Harry Potter* que é o objeto específico deste trabalho e, conseqüentemente, o foco de nossa análise.

Mediante esta apresentação das principais características da fantasia épica juvenil atual, observamos que a saga *Harry Potter* se configura dentro deste gênero específico, se distanciando dos padrões infantis, ao mesmo tempo em que se aproxima, gradativamente, dos juvenis e, sobretudo, do público adulto. Deste modo, não é surpresa que a maior parte dos leitores de *Harry Potter* sejam os adultos.

2.3 Literatura e Intertextualidade

A partir das considerações desenvolvidas nos subtópicos anteriores, podemos perceber que o percurso da literatura infantojuvenil é marcado por relações intertextuais. Deste modo, convém, neste momento, nos determos a uma abordagem acerca da intertextualidade, consoante Kristeva (*Apud* SILVA, 2003), que assevera ser todo texto configurado como um mosaico de textos precedentes.

Apesar do termo "intertextualidade" só ter sido cunhado por Júlia Kristeva em 1969, não implica dizer que só foi neste período que os estudos nesta linha tenham iniciado. Por volta dos anos 335 a.C., Aristóteles já tratava deste tema em sua obra *Poética*. Para Aristóteles (2008) a epopeia, a tragédia, a comédia e a poesia ditirâmbica, assim como, a maior parte das músicas de flauta e da cítara, eram um conjunto de imitações que só se diferiam em três aspectos: ou imitavam por outro meio, ou por outro objeto, ou por outro modo, mas, que, em sua essência, não deixavam de ser imitações.

Aristóteles (2008, p. 38), ainda defende que, “Todavia, a [arte] que imita apenas com palavras em prosa ou em verso, podendo misturar-se diferentes metros ou usar um único, chegou até hoje sem nome”. Pois, apesar de se haver o fenômeno das relações entre os escritos já nesta época, não se havia uma nomenclatura para o mesmo, ao que foi chamado pelo autor de imitação, ao que Mikhail Bakhtin intitulou Dialogismo e o que Júlia Kristeva chamou de intertextualidade. A esse respeito, vem afirmar Luciano Corrales:

Falar de Intertexto e de literatura comparada nos exige inicialmente perceber que ao lermos um texto (A) estamos lendo também um texto (B), e, este entrecruzamento de “vozes” percebidas ou levemente transparentes é algo que perpassa a escrita, e em especial a literatura, ao longo de todos os tempos. Ou seja, temos sempre presente a noção de hipotexto como um texto primeiro, precedente ao nosso texto atual, seja ele qual for. (CORRALES, 2010, p. 1).

Em outras palavras, o que o autor nos diz é que a intertextualidade aborda a noção de um texto inicial, chamado hipotexto, presente em um texto posterior, que se chama hipertexto, o que torna possível uma comparação, dependendo, sobretudo, do conhecimento prévio do leitor, que é o seu conhecimento de mundo, de forma que a analogia entre os textos só pode ser percebida por um leitor que tenha alguma relação ao hipotexto específico.

No que concerne à esta relação e à literatura comparada, Corrales afirma:

Produzir literatura comparada é perceber a relação entre pelo menos dois textos (ou de forma sintética, estabelecer “Intertextos”). A raiz latina do termo, segundo o dicionário eletrônico *Houaiss* é conceituada como: inter (no interior de dois) + texto [textos] (fazer tecido, entrelaçar). (CORRALES, 2010, p. 5).

É, pois, através deste entrelaçar que se compreende como uma obra literária pode se interligar à outras obras, mesmo que sejam de tempos diferentes, de culturas ou especificidades distintas. Fundamentado nas palavras de Kristeva, Corrales (2010, p. 8), afirma que “A tarefa da semiótica literária consistirá em encontrar os formalismos correspondentes aos diferentes modos de encontro das palavras no espaço dialógico do texto”. É, pois, o que este trabalho busca apresentar, na relação literatura e religião, sobretudo, a religião cristã e seu principal livro, a Bíblia Sagrada.

A Bíblia Sagrada é uma coleção de 73 livros de diferentes autores, dividida em duas partes, sendo a primeira, escrita antes de Cristo, chamada de Antigo Testamento que comporta 46 livros que narram a criação do mundo sob a perspectiva religiosa teocêntrica e prenunciam a vinda de um Messias, e a segunda, escrita depois de Cristo, denominada Novo Testamento, que abrange 27 livros e relatam a vinda de Jesus, o Messias, e o estabelecimento das primeiras comunidades cristãs.

Por ser o livro mais conhecido de todos os tempos e, conseqüentemente, o livro mais lido do mundo¹, a Bíblia Sagrada é um hipotexto formado por diversas parábolas, escritas em diversas épocas, as quais encontramos referenciadas em obras como: *O Senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien (1954), *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis (1950), e a saga *Harry Potter*, de J. K. Rowling.

A esses estudos intertextuais da literatura e religião, Silva (2015, p. 2), afirma:

Os estudos de religião e literatura estabelecem uma ponte na fronteira entre o texto literário e o texto bíblico, e contemplam análises religiosas de obras literárias de escritores e poetas. Temas que outrora eram percebidos como de exclusividade da religião, como Deus, igreja e os valores cristãos (que pareciam estar refêns das interpretações dogmáticas cristãs e a serviço de suas instituições oficiais) podem ser percebidos a partir de outras perspectivas no seio de contos, romances, prosas e poesias, que revelam formas de estar no mundo e geram pesquisas que estabelecem aproximações para um diálogo profícuo entre os ditos saberes.

A literatura passa a abordar temas e referências religiosas em seus enredos, de forma que hoje pode-se observar a presença de narrativas e temas nos textos literários que outrora só eram apresentadas em textos bíblicos, sermões e textos de cunho especificamente religioso. Essa presença revela, pois, que a literatura passa a ganhar novos espaços na sociedade e que os aspectos religiosos surgem sob novas perspectivas analíticas e descritivas.

Segundo Conceição (*apud* SILVA, 2015) a literatura passa também a falar de Deus, mesmo que a religião não dê uma boa aceitação a esse fato. Segundo ele "a teologia não quer ceder à literatura o seu poder de falar sobre Deus, porém a literatura quer falar sobre Ele e [...] isso pode assumir o potencial de teologia". (CONCEIÇÃO *apud* SILVA, 2015, p. 3).

¹ <https://blog.saraiva.com.br/livros-mais-lidos-do-mundo/>

O que acontece é que a literatura está completamente relacionada ao humano, sobretudo, pela ligação com quem escreve o texto, então, seria impossível que não houvessem ligações àquilo que está fora da própria narrativa, mas, que está entrelaçado à vida e a cultura do seu autor. A vida deste, suas inclinações e crenças vão ficando, inevitavelmente, nas páginas do livro que escreve.

Consoante aos estudos de Dominique Maingueneau e Ingedore Villaça Koch, Oliveira (2010) nos diz que a intertextualidade possui duas formas básicas, sendo uma interna e outra externa, segundo ela:

A intertextualidade interna é compreendida como a relação feita entre dois textos do mesmo campo discursivo ou corrente de conhecimento. [...] A intertextualidade externa é entendida como relação dum texto com outro texto e feita entre um discurso e discursos de campos distintos. (OLIVEIRA, 2010, p. 23-24).

Em outras palavras, a intertextualidade se configura como interna quando a relação acontece entre textos de um mesmo gênero ou que abordem conhecimentos em comum, como, por exemplo, o Antigo Testamento e o Novo Testamento da Bíblia Sagrada, e a intertextualidade externa é a relação de um texto com outro texto de gênero ou conhecimento distinto, como o caso da relação intertextual da Bíblia Sagrada com a saga *Harry Potter*.

Além disso, Oliveira (2010) nos diz que dentro dessa intertextualidade interna e externa, a intertextualidade pode se configurar ainda como explícita ou implícita.

A intertextualidade é explícita quando a fonte usada está explícita no novo texto através de citações e referências e é implícita quando ocorre sem a citação expressa da fonte, mas através da alusão, paródia, ironia e paráfrase, tornando perceptível ao leitor com qual texto se está dialogando. (OLIVEIRA, 2010, p. 24).

Nesse aspecto, percebemos que a saga *Harry Potter* apresenta ambas relações intertextuais, ora implícitas, ora explícitas, como veremos adiante. Ainda podemos ressaltar que, toda obra que se deriva de uma outra obra anterior, e que deixa resquícios dessa obra fonte, é, na verdade, um palimpsesto, que segundo Genette (*apud* SILVA, 2015, p. 6) “é um pergaminho que sofreu raspagem de sua primeira inscrição para se traçar outra, mas que não a esconde de fato, de modo que se pode ler o antigo sob o novo por transparência”.

Portanto, esse é o caminho que traçaremos em nossa análise, apresentando, pois, a relação da obra de J. K. Rowling com a Bíblia Sagrada e com a religião cristã. Analisaremos os resquícios deixados pela autora, em primeiro momento, ao longo de toda a saga *Harry Potter*, e em seguida, na última obra que compõe a saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, onde é observado o ápice das relações intertextuais.

3 LITERATURA E RELIGIÃO: OS SÍMBOLOS DO CRISTIANISMO EM *HARRY POTTER*

A saga *Harry Potter* de Joanne Kathleen Rowling teve seu início em 26 de junho de 1997 com a publicação do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, primeiro dos sete livros que compõem a saga. Em sequência vieram *Harry Potter e a Câmara Secreta*, em 1998, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, em 1999, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, em 2000, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, em 2003, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, em 2005, e por fim, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, em 2007.

A saga narra a vida e aventuras do protagonista *Harry Potter*, um jovem bruxo, que ao primeiro ano de vida se torna órfão, quando seus pais são assassinados pelo temível bruxo das trevas, *Lorde Voldemort*. *Harry*, ainda muito pequeno, passa a morar com seus tios, os *Dursley*, e a dividir a vida com o primo *Duda* que, por ser o filho primogênito de seus tios, é mimado e favorecido, enquanto *Harry* é desprezado e humilhado.

Vive toda a sua infância sem saber quem de fato era e a viver subalterno aos tios e ao primo. Só aos onze anos, após receber a carta de ingresso na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, é que descobre quem de fato é, quem foram seus pais e mergulha em um mundo cheio de surpresas e aventuras que ele não só desconhecia, mas, não imaginava ser possível. Na escola, ganha seus primeiros amigos e se destaca por ser o menino que sobreviveu à maldição de morte.

Cada livro da referida saga retrata as aventuras do protagonista *Harry Potter* ao lado de *Rony Weasley* e *Hermione Granger*, seus melhores amigos, em um ano letivo da escola de *Hogwarts*. Cada obra retrata uma aventura diferente no universo fantástico apresentado pela autora. Os conflitos travados em cada livro sempre envolvem *Harry Potter* na luta em favor do bem, contra o mal, figurado no bruxo das trevas *Voldemort*.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, primeiro livro da saga, *Harry Potter* se encontra com 11 anos de idade. Passam-se 10 anos desde a morte de seus pais e do sumiço de *Voldemort*, pois, quando o bruxo das trevas matou os pais de *Harry*, também tentou matá-lo com uma maldição de morte, *avada kedavra*, entretanto, o feitiço não suprimiu *Harry Potter* como era esperado, deixou-o apenas com uma cicatriz na testa, enquanto *Lorde Voldemort*, o agente do feitiço, fora derrotado.

Nesta primeira narrativa, após *Harry* ingressar na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, *Voldemort*, que havia sumido desde a morte de *Lilian Potter* e *Tiago Potter*, pais de *Harry Potter*, em *Godric's Hollow*, retorna. Contudo, não possui mais um corpo, retorna parasitado em um corpo de outra pessoa, a fim de apanhar a Pedra Filosofal, que produzia o elixir da vida e dava imortalidade àquele que bebesse, para restaurar o seu corpo.

O segundo livro, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, retrata o segundo ano letivo de *Harry Potter* em *Hogwarts*. Neste livro, apresenta-se a história de uma câmara secreta existente em *Hogwarts*, onde havia um monstro que podia matar qualquer um que olhasse seus olhos. Entretanto, o monstro começa a atacar apenas os alunos que não tinham o sangue puro de bruxo, ou seja, que tinham pais trouxas (que não eram bruxos).

Após *Gina Weasley*, irmã de seu melhor amigo *Rony Weasley* ser levada para dentro da câmara secreta, *Harry Potter* descobre a sua entrada e entra para salvá-la. Ele descobre que o monstro que guardava a câmara era um grande basilisco e que estava sob o controle de *Voldemort* através de uma lembrança em um diário mágico. *Harry Potter* destrói o diário e mata o basilisco, destruindo mais uma vez os planos de *Voldemort* e salva *Gina Weasley*.

No terceiro livro, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, *Sirius Black*, um criminoso, preso a doze anos suspeito de estar a serviço de *Voldemort*, foge de *Azkaban* (prisão de segurança máxima de bruxos). *Harry* descobre que *Sirius* era amigo de seus pais e foi o responsável por entregá-los a *Lorde Voldemort*. *Harry* acredita que *Sirius* foge de *Azkaban* para terminar o serviço que *Voldemort* não foi capaz, matar *Harry Potter*.

Entretanto, *Sirius Black* jamais esteve a serviço das trevas, assim como, jamais traiu *Lilian* e *Tiago Potter*. *Sirius*, na verdade, é padrinho de *Harry Potter* e foge de *Azkaban* para destruir o verdadeiro traidor, *Pedro Pettigrew*, que era seu amigo e dos pais de *Harry*, mas que os traiu entregando-os a *Voldemort*. *Pettigrew* é um animago (bruxo que se transforma em um animal sem o uso de varinha) e está transformado no rato de estimação de *Rony Weasley*. Tendo descoberto a localização de *Pettigrew*, *Sirius* foge para vingar-se da traição.

No quarto livro, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, *Hogwarts* vai sediar o *Torneio Tribuxo*, que promove uma competição entre três escolas de magia elegendo um campeão de cada escola. O cálice de fogo, é um artefato mágico que

faz a seleção dos participantes, onde os nomes dos interessados em participar do torneio são colocados dentro dele e ele apresenta os nomes dos três escolhidos, sendo um de cada escola.

A idade mínima para a participação no torneio é 17 anos, entretanto, sem que *Harry* coloque seu nome no cálice, ele aparece como um quarto selecionado para a participação no torneio. Não se podendo voltar atrás à escolha do cálice, o torneio segue com quatro campeões. Na verdade, *Voldemort* mandou um de seus *comensais da morte* (bruxos liderados por ele) se infiltrar em *Hogwarts* e fazer com que *Harry Potter* fosse escolhido a fim de pegá-lo em uma das provas e por meio de um ritual que precisava do sangue do seu inimigo, poder enfim assumir seu corpo e voltar completamente ao mundo bruxo.

Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, quinto livro da saga, é narrado o quinto ano letivo de *Harry Potter* e seus amigos em *Hogwarts*. *Harry Potter* anuncia o retorno de *Voldemort*, contudo, apenas *Alvo Dumbledore*, diretor de *Hogwarts*, acredita nele. O *Ministério da Magia*, órgão máximo que regulamenta o mundo bruxo, por não acreditar nas palavras de *Harry* e *Dumbledore* passam a perseguir e silenciar este discurso, ao ponto de o diretor de *Hogwarts* ser demitido de suas funções.

Dumbledore, por sua vez, certo do retorno do mais poderoso bruxo das trevas reúne a *Ordem da Fênix*, grupo de bruxos liderados por ele, que tem a missão de lutar contra *Voldemort* e o mal, para se preparar para a luta. Todavia, *Lord Voldemort* não se revela, permanece oculto para criar confusão entre as pessoas, assim como, entre o *Ministério* e *Dumbledore*, e também por não estar ainda forte o bastante para cumprir sua missão. Só ao final da narrativa *Voldemort* é descoberto pelo *Ministério* e *Dumbledore* inocentado.

O sexto livro, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, apresenta o protagonista em um espírito de maior maturidade. *Harry Potter* inicia suas aulas de poções com um livro encontrado que pertencia ao príncipe mestiço, alguém que *Harry* sequer sabia quem era, mas, que pôde aprender muitas coisas novas a partir das anotações feita por ele no livro. *Dumbledore* encontra uma forma de derrotar *Voldemort*, mas, para isso pede a ajuda de *Harry Potter*.

Dumbledore designa *Harry* da missão de descobrir se *Voldemort* sabia como fazer uma *Horcrux*, que era um objeto comum dotado de magia negra onde se guardava uma parte da alma do seu criador, para que mesmo que seu corpo fosse

destruído, ainda assim não morresse. Após a descoberta de *Harry*, ambos empreendem uma caça às *horcruxes* e descobrem que *Voldemort* havia criado sete, contudo, sem saber, eles já haviam destruído duas delas. Antes que pudessem destruir a terceira, *Dumbledore* é assassinado por *Severo Snape*, professor de defesa contra as artes das trevas de *Hogwarts* e *Harry Potter* descobre que *Severo Snape* é, na verdade, o príncipe mestiço e o verdadeiro dono do livro.

O sétimo e último livro da saga *Harry Potter* é *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Neste livro é narrada a continuidade da missão iniciada por *Dumbledore* de destruição das *horcruxes*, agora, porém, por *Harry Potter*, *Rony Weasley* e *Hermione Granger*. Estes não voltam para a escola para cursar o sétimo ano letivo, mas, vão em busca do encontro das cinco *horcruxes* restantes para destruírem *Lorde Voldemort*.

Ao longo da missão, a maior dificuldade enfrentada por eles é o desconhecimento de quais objetos seriam as *horcruxes*, visto poder ser qualquer objeto. É ao longo da caça que eles descobrem a existência das *Relíquias da Morte*, a Varinha das Varinhas, a Capa da Invisibilidade e a Pedra da Ressurreição, as quais trataremos adiante. O objetivo principal do trio é a dissipação do mal com o fim de *Voldemort* e das *horcruxes* e o triunfo do bem.

Foram, portanto, estas as problemáticas desenvolvidas nos sete livros que compõem a saga *Harry Potter*. É perceptível que, como já foi dito, a luta do bem contra o mal venha acompanhar a saga desde seu início até o seu desfecho. Segundo Santos (2015, p. 20) “A luta do bem contra o mal nestas histórias poderá ser relacionada, como se verá mais à frente, com o apelo cristão à paz e à derrota do mal”.

Este é um dos principais apelos das religiões cristãs, a vitória do bem sobre o mal. Não obstante que, São Paulo na segunda carta aos Romanos afirma: “Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal com o bem”. (ROMANOS, 12, 21). Prova, pois, que o cristianismo em si empreende uma luta que deve ser travada do bem sobre o mal e que ao final apenas um deve triunfar. Esse é, portanto, um dos aspectos centrais de *Harry Potter*.

É fato que surgiram ao longo dos anos duras críticas a J. K. Rowling e a saga *Harry Potter* no que diz respeito à ligação de *Harry Potter* ao satanismo e ao incentivo de crianças, adolescentes e jovens a bruxaria e ao ocultismo. Entretanto, são os aspectos cristãos quem perpassam a obra de Rowling e os valores

transmitidos pelas personagens são proeminentes do cristianismo, o que nos fazemos imediatamente refutar essas ideias. A própria autora J. K. Rowling, em entrevista, afirmou a ligação de sua obra com o cristianismo.

Numa entrevista após a publicação do sétimo e último livro da saga de *Harry Potter*, Rowling admitiu que a história de Harry tem uma conotação religiosa: "My belief and my struggling with religious belief I think is quite apparent in this book" (idem, [apud Colbert, 2008:] 491). O último livro da série não deixa realmente nenhuma dúvida de que a religião é importante para a série. Não deveria ser surpresa que o cristianismo esteja ligado à história de Harry. (SANTOS, 2015, p. 57).

Para a autora, a sua crença religiosa e a sua luta com a mesma sempre estiveram óbvias nos livros, contudo, ela evitou falar disso abertamente por medo de que as pessoas descobrissem onde chegaria a história. Entretanto, a religiosidade cristã não deixou de aparecer em toda a obra e a autora foi deixando referências desta ligação. A esse respeito afirma Santos:

Harry Potter está de facto mais relacionado com o Cristianismo do que as pessoas julgam. Alguns exemplos concretos desta ligação à fé cristã poderão ser encontradas no facto de: os feiticeiros de *Harry Potter* se casarem, batizarem os seus filhos e celebrarem o Natal e a Páscoa. (SANTOS, 2015, p. 20).

A esse respeito convém observarmos que, na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, o ano letivo inicia-se no dia primeiro de setembro, tal como afirma a professora *Minerva* na carta de início de ano letivo destinada a *Harry Potter*:

ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA DE HOGWARTS

Diretor: Alvo Dumbledore
(Ordem de Merlin, Primeira Classe, Grande Feiticeiro, Bruxo Chefe,
Cacique Supremo, Confederação Internacional de Bruxos)

Prezado Sr. Potter,

Temos o prazer de informar que V.Sa. tem uma vaga na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Estamos anexando uma lista dos livros e equipamentos necessários.

O ano letivo começa em 1º de setembro. Aguardamos sua coruja até 31 de julho, no mais tardar.

Atenciosamente,

Minerva McGonagall

Diretora substituta. (ROWLING, 2015, p. 42-43).

Sendo as aulas iniciadas em setembro, a escola dispõe de dois momentos destinados às férias, sendo o primeiro no período de Natal e o segundo na ocasião da Páscoa, que são as duas datas mais importantes da religião cristã, uma celebrando a memória do nascimento do menino Jesus, centro do cristianismo, e a outra, a sua paixão, morte e ressurreição.

Podemos ver essa situação claramente quando os alunos estão se preparando para celebrarem o Natal com suas famílias em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* "Todos mal aguentavam esperar as férias de Natal". (ROWLING, 2015, p. 142), assim como, quando *Jorge Weasley*, irmão de *Rony Weasley*, afirma ao seu outro irmão *Percy Weasley* "- E você hoje não vai se sentar com os monitores – disse Jorge. – Natal é uma festa da família". (ROWLING, 2015, p. 148), revelando a importância da data.

No que se refere à Páscoa, em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* há um pequeno trecho que mostra que o segundo período de férias se dá neste período e que logo após se dá o encerramento do ano letivo. "Infelizmente, os professores pareciam estar pensando da mesma maneira que Hermione. Passaram tantos deveres de casa que as férias da Páscoa não foram tão divertidas quanto as de Natal". (ROWLING, 2015, p. 166). São pequenas pistas que J. K. Rowling vem deixando ao longo da narrativa.

Segundo Colbert (*apud* SANTOS 2015, p. 58) "A história de *Harry Potter* contém elementos presentes em muitas religiões, mas, no fim, as crenças pessoais de Rowling, que parecem ser diferentes em alguns aspectos, acabam por revelar a sua importância". O fato da celebração do Natal e da Páscoa pelas personagens é só um dos aspectos cristãos encontrados na saga.

Compreende-se facilmente que *Harry Potter* é o protagonista da saga, e que *Lorde Voldemort*, por sua vez, é o antagonista. Mas, de onde surgiu essa rivalidade? E porque existe a obsessão do antagonista em destruir o protagonista, mesmo este sendo ainda uma pequena criança? Essas questões estão completamente ligadas ao cristianismo e fazem intertextualidade a Bíblia Sagrada, conforme veremos.

O primeiro livro da saga se inicia narrando a história do menino que sobreviveu. Retrata a narrativa da noite da morte dos pais de *Harry*, do desaparecimento de *Voldemort* e a sobrevivência imprevista do menino ante a

maldição de morte proferida pelo bruxo das trevas. *Dumbledore*, *Hagrid* e *Minerva* levam o menino para a casa dos seus tios, distante de tudo, para que fosse criado longe da fama que adquirira involuntariamente diante do seu feito, a sobrevivência à um ataque mortal.

É importante compreender que *Voldemort* decide matar *Harry Potter* mediante o conhecimento de uma profecia que só é revelada no quinto livro da saga, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, do nascimento de um feiticeiro com o poder de derrotá-lo.

Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar... (ROWLING, 2015, p. 680, grifos da autora).

Tendo *Voldemort* tido conhecimento dessa profecia, acreditou que se referia à *Harry Potter*, pois, o menino havia nascido em 31 de julho de 1980, seus pais pertenciam à Ordem da Fênix, que era o grupo de bruxos que lutavam em favor do bem, e em suas lutas contra *Voldemort*, haviam escapado três vezes. Características que apontavam o pequeno *Harry Potter* como aquele de quem falava a profecia.

Vale salientar que havia um outro menino com essas mesmas características de *Harry*, *Neville Longbottom*, nascido em 30 de julho de 1980, filho de *Alice* e *Frank Longbottom*, que também pertenciam à Ordem da Fênix e que haviam escapado por três vezes do bruxo das trevas. No entanto, *Lorde Voldemort* acreditou e optou pela procura de *Harry Potter*, para que o matando ainda criança, impedisse o cumprimento da profecia.

Há, neste evento, uma intertextualidade ao nascimento de Jesus Cristo e à profecia do nascimento do Rei de Israel na Bíblia Sagrada, quando o profeta Miquéias anuncia a vinda do Messias. “Mas tu, Belém de Éfrata, tão pequena entre os clãs de Judá, é de ti que sairá para mim aquele que é chamado a governar Israel. Suas origens remontam aos tempos antigos, aos dias do longínquo passado”. (MIQUÉIAS, 5, 1).

Após o nascimento do menino Jesus em Belém, o rei Herodes descobre a existência dessa profecia, pois, três magos que aguardavam a vinda do Rei de Israel profetizada por Miquéias, viajam ao encontro de Herodes procurando o menino recém-nascido, revelando a profecia e a cidade de nascimento do menino.

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: "Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo". [...] Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse: "Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo". [...] Vendo, então, Herodes que tinha sido enganado pelos magos, ficou muito irritado e mandou massacrar em Belém e nos seus arredores todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo exato que havia indagado dos magos. (MATEUS, 2, 1-2. 7-8. 16).

Assim como Herodes, que manda assassinar todas as crianças menores de dois anos de idade, a fim de matar aquele de quem falava a profecia enquanto ainda fosse criança, a fim de não perder o seu reinado, *Voldemort* tenta assassinar aquele a quem ele acredita estar ligado à profecia, quando ainda é criança. Nas duas narrativas as crianças sobrevivem pelos esforços de seus pais. José e Maria, pais de Jesus, são avisados da decisão de Herodes e fogem com o menino para o Egito, *Lílian e Tiago Potter* sacrificam suas vidas para salvarem o pequeno *Harry*.

Segundo Santos (2015), o sacrifício de *Lílian Potter*, mãe de *Harry*, configura-se como um forte aparato da religiosidade cristã, pois, o amor e o sacrifício estão estritamente ligados ao cristianismo. O sacrifício de *Lílian* criou um poder sobrenatural sobre *Harry*, de forma que *Voldemort* não pôde matá-lo. Em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, *Harry* assevera essa verdade para a lembrança de *Voldemort*, *Tom Riddle*, nome do bruxo em sua vida na escola, antes de chamar-se *Voldemort*:

- Aos negócios, Harry – disse Riddle, ainda com um largo sorriso. – Duas vezes, no seu passado, ou no meu futuro, nós nos encontramos. E duas vezes não consegui mata-lo. Como foi que você sobreviveu? Conte-me tudo.

[...]

- Ninguém sabe por que você perdeu seus poderes ao me atacar – disse Harry abruptamente. – Nem mesmo eu sei. Mas sei por que

you cannot kill me. It was because my mother died for me. (ROWLING, 2015, p. 234).

Foi, portanto, o sacrifício de *Lílian* pelo seu filho, e o amor que esta tinha por ele que o fizeram protegido por um contrafeitiço poderoso, inquebrantável, o amor. A figura de *Lílian Potter* faz ligação à imagem da Virgem Maria no cristianismo. É o que afirma Santos:

Nonetheless, there is a character in the story who almost reaches divine perfection, but Rowling's choice also seems to be more personal than traditional. Of all the characters in the series, including Harry, only Lily Potter, his mother, seems to deserve adoration. She essentially refers to the figure of the Madonna, the Virgin Mary, Mother of Jesus. Mary is worshipped in many Christian groups, but also in Islam. She is an ideal, favored by God and her compassion gives strength to many who admire her. These same qualities are mentioned when other characters in the Harry world talk about Lily Potter. (SANTOS, 2015, p. 59).

Segundo Santos (2015), *Lílian Potter* é a única personagem importante em que não é colocada sob um nível humano no decorrer da narrativa. Em todas as outras personagens são apresentadas características humanas de um lado bom e um outro ruim, inclusive no próprio *Harry Potter*. *Lílian* é apresentada sob aspectos divinos onde não existe a presença do mal. A essa característica, a personagem se relaciona à Virgem Maria que é dogmatizada pela Igreja Católica como Imaculada e sem pecado.

A ligação da saga *Harry Potter* a aspectos cristãos e, sobretudo, ao catolicismo se dá de forma muito evidente, como a própria autora afirmou. No entanto, leitores cristãos poderiam mais facilmente perceberem esta relação. A autora vai deixando pistas que podem ser encontradas e facilmente interpretadas, desde que se tenha um conhecimento prévio da religião cristã. É o caso, por exemplo, da coruja que *Harry* ganha de *Hagrid* em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

Harry stayed in his room, with the new owl for company. He had decided to name it Edwige, a name he had found in *The History of Magic*. His school books were very interesting. He lay in bed and read until late at night. Edwige flew in and out of the window when he wanted. It was a relief that Aunt Petunia didn't seem to mind him using the vacuum cleaner, because Edwige didn't

parava de trazer ratos mortos para o quarto. (ROWLING, 2015, p. 68).

Segundo a narrativa, o nome escolhido por *Harry* para sua coruja foi *Edwiges*, nome esse que diz ter sido encontrado em um de seus livros escolares. Entretanto, o real motivo para a escolha deste nome é algo que está para fora do próprio enredo. O nome *Edwiges* faz referência a uma santa católica² que viveu no período medieval e que se destacou pelo cuidado e amparo dos órfãos e viúvas, onde passou a construir conventos para abrigá-los.

Em virtude de sua vida e missão, *Edwiges* é invocada no catolicismo como padroeira dos órfãos e das viúvas. Em *Harry Potter* essa referência pode ser compreendida facilmente, levando em consideração o fato de *Harry* ter perdido seus pais ainda muito criança e se caracterizar como órfão. O nome de sua coruja de estimação faz ligação à religião católica e a condição do próprio protagonista.

Uma outra característica desse paralelo são as celebrações religiosas cristãs encontradas ao longo da saga. O fato das personagens se casarem e batizarem seus filhos, que são dois sacramentos da religião cristã católica, revelam pistas deixadas pela autora na narrativa. Em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, *Harry* descobre que *Sirius Black*, o suspeito de trair seus pais e entregá-los a *Voldemort*, na verdade é seu padrinho.

– Poder-se-ia até pensar que Black e Potter eram irmãos! – O Prof. Flitwick entrou na conversa. – Inseparáveis!
 – Claro que eram – comentou Fudge. – Potter confiava mais em Black do que em qualquer outro amigo. Nada mudou quando os dois terminaram a escola. Black foi o padrinho quando Tiago se casou com Lúlian. Depois, eles o escolheram para padrinho de Harry. O garoto nem tem ideia disso, é claro. Vocês podem imaginar como isto o atormentaria. (ROWLING, 2015, p. 153).

Vemos, portanto, que os casamentos seguiam o rito cristão da exigência de padrinhos (ou testemunhas), e que as crianças eram batizadas sob um ritual cristão que também exigia a presença de padrinhos. Entretanto, vale ressaltar que não foi *Sirius* quem entregou os pais de *Harry* a *Voldemort*. Esse fato da traição é um outro ponto que faz intertextualidade à Bíblia Sagrada.

² <http://santuariosantaedwiges.com.br/historia-da-padroeira>.

O pai de *Harry* além de pertencer ao grupo da *Ordem da Fênix*, pertencia a um outro grupo de quatro amigos chamado *Os marotos*. Eram pertencentes a este grupo *Remo Lupin*, *Pedro Pettigrew*, *Sirius Black* e *Tiago Potter*, quatro melhores amigos. Assim como Jesus fora traído por um de seus melhores amigos, Judas Iscariotes, *Tiago* e *Lílian*, pais de *Harry*, são traídos por *Pedro Pettigrew*.

– Harry – disse Lupin depressa –, você não está vendo? Todo este tempo pensamos que Sirius tinha traído seus pais e que Pedro o perseguira... mas foi o contrário, você não está vendo? *Pedro* traiu sua mãe e seu pai... Sirius perseguiu *Pedro*...

– NÃO É VERDADE! – berrou Harry. – ELE ERA O FIEL DO SEGREDO DELES! ELE DISSE ISSO ANTES DO SENHOR APARECER. ELE CONFESSOU QUE MATOU MEUS PAIS!

O garoto apontava para Black, que sacudia a cabeça devagarinho; de repente seus olhos fundos ficaram excessivamente brilhantes.

– Harry... foi o mesmo que ter matado – disse, rouco. – Convenci Lílian e Tiago a entregarem o segredo a Pedro no último instante, convenci-os a usar Pedro como fiel do segredo, em vez de mim... A culpa é minha, eu sei... Na noite em que eles morreram, eu tinha combinado procurar Pedro para verificar se ele continuava bem, mas quando cheguei ao esconderijo ele não estava. Mas não havia sinais de luta. Achei estranho. Fiquei apavorado. Corri na mesma hora direto para a casa dos seus pais. E quando vi a casa destruída e os corpos deles... percebi o que Pedro devia ter feito. O que eu tinha feito. (ROWLING, 2015, p. 269).

De igual modo, Jesus é traído por Judas Iscariotes, um dos seus doze apóstolos e, conseqüentemente, um de seus melhores amigos.

Jesus ainda falava, quando veio Judas, um dos Doze, e com ele uma multidão de gente armada de espadas e cacetes, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. O traidor combinara com eles este sinal: "Aquele que eu beijar, é ele. Prende-o". Aproximou-se imediatamente de Jesus e disse: "Salve, Mestre". E beijou-o. Disse-lhe Jesus: "É, então, para isso que vens aqui?" Em seguida, adiantaram-se eles e lançaram mão em Jesus para prendê-lo. (MATEUS, 26, 47-50).

Esses aspectos tornam evidentes a forte ligação que a autora empreendeu em sua narrativa com o cristianismo. As entregas de *Harry*, *Lílian* e *Tiago* e a de Jesus Cristo são frutos de traições de amigos. Segundo Santos (2015), ainda existem muitas outras ligações que podem ser evidenciadas. Segundo ele

Outras questões que normalmente inscrevemos na esfera religiosa poderão ser encontradas no centro da série. Harry pergunta-se: Por

que é que tenho que sofrer? Será que os meus pais, que morreram, estão vivos no céu? A justiça existe mesmo, ou este é um mundo em que uns recebem tudo e os outros nada? A misericórdia e o amor poderão mesmo derrotar o mal (idem [Colbert], 502)? Para Rowling, muitas das respostas vêm da sua religião. (SANTOS, 2015, p. 59-60).

Outra ligação evidente é a referência que se faz ao número treze. No senso comum, este número é apresentado como sendo um número de azar, muito embora não se tenham explicações lógicas para essa classificação. Em *Harry Potter* o número treze também está ligado ao azar, mas, por aspectos cristãos, faz menção à Jesus e seus doze apóstolos, formando assim, um grupo de treze pessoas.

Na saga *Harry Potter*, no dia de Natal, a maioria dos alunos de *Hogwarts* estavam em suas casas por ser o período das férias. Entretanto, no salão principal de *Hogwarts* fora preparada uma mesa de almoço para doze pessoas, nela estavam acomodados o diretor *Dumbledore*, os professores *Minerva McGonagall*, *Snape*, *Sprout* e *Flitwick*, o zelador *Filch*, mais três alunos que haviam ficado em *Hogwarts* no Natal e *Harry Potter*, *Hermione Granger* e *Rony Weasley*, totalizando doze pessoas à mesa.

Quando a professora de adivinhação, *Sibila Trelawney*, chega ao salão principal é convidada a sentar-se à mesa, entretanto, ela recusa pela crença do número treze.

– Sibila, mas que surpresa agradável! – saudou-a *Dumbledore*, levantando-se. [...]
 – É claro – disse *Dumbledore* com os olhos cintilantes. – Deixe-me apanhar uma cadeira para você... [...]
 – Não me atrevo, diretor! Se eu me sentar, seremos treze! Nada poderia ser mais azarado! Não vamos esquecer que quando treze comem juntos, o primeiro a se levantar será o primeiro a morrer! (ROWLING, 2015, p. 170).

Há uma referência clara à última ceia de Jesus com os apóstolos em que haviam treze pessoas e Judas é o primeiro a deixar a ceia e, coincidentemente, o primeiro a morrer.

Dito isso, Jesus ficou perturbado em seu espírito e declarou abertamente: “Em verdade, em verdade vos digo: um de vós me há de trair!...”. [...] Jesus respondeu: É aquele a quem eu der o pão embebido”. Em seguida, molhou o pão e deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. Logo que ele o engoliu, Satanás entrou nele. Jesus

disse-lhe, então: "O que queres fazer, faze-o depressa". [...] Tendo Judas recebido o bocado de pão, apressou-se em sair. E era noite... (JOÃO, 13, 21. 26-27. 30).

Na narrativa bíblica, Judas Iscariotes é o primeiro do grupo dos apóstolos a morrer. Morre antes mesmo que o próprio Jesus.

Judas, o traidor, vendo-o então condenado, tomado de remorsos, foi devolver aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo-lhes: "Pequei, entregando o sangue de um justo". Responderam-lhe: "Que nos importa? Isto é lá contigo!". Ele jogou então no templo as moedas de prata, saiu e foi enforcar-se. (MATEUS, 27, 3-5).

Vale ressaltar que, de igual modo ao que narra a Bíblia Sagrada, no grupo do salão principal de *Hogwarts*, antes mesmo que a professora *Sibila Trelawney* chegasse, já haviam treze pessoas à mesa, pois, *Rony Weasley* não deixava seu rato e, posteriormente, no mesmo livro, foi descoberto que o rato de *Rony* era na verdade um animagus, *Pedro Pettigrew*. *Dumbledore* foi o primeiro a levantar-se para acolher a professora *Trelawney*, e, conseqüentemente, foi o primeiro deste grupo a morrer, em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*.

Snape fitou *Dumbledore* por um momento, e havia repugnância e ódio gravados nas linhas duras do seu rosto.
- Severo... Por favor...
Snape ergueu a varinha e apontou diretamente para *Dumbledore*.
- *Avada Kedavra!*
Um jorro de luz verde disparou da ponta de sua varinha e atingiu *Dumbledore* no meio do peito. (ROWLING, 2015, p. 430-431).

Outro paralelo que J. K. Rowling apresenta na saga *Harry Potter* está evidente no quarto livro que compõe a saga, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Como o próprio título da obra sugere, há um cálice, que, como foi apresentado anteriormente, tinha a função de selecionar os campeões para o Torneio Tribruxo. Segundo Colbert (*apud* SANTOS, 2015, p. 54-55):

O cálice de fogo evidencia ainda bastantes semelhanças a um outro cálice de grande poder, que esteve igualmente na origem de torneios e batalhas: o Santo Graal. Esta foi também a taça a partir da qual Jesus Cristo bebeu durante a Última Ceia. Apesar de às vezes ser retratado como um cálice de prata brilhante, tendo sido a taça de um pobre carpinteiro, o Santo Graal terá sido provavelmente feito de

madeira – tal como o cálice de fogo. O Graal é igualmente um objeto mágico. Quem dele beber ficará miraculosamente curado. E, tal como o cálice de fogo, o Graal é capaz de sentir se as pessoas têm ou não um coração puro.

Em um primeiro momento, a forma como o Cálice de Fogo chega a *Hogwarts*, dentro de uma arca de madeira, faz referência à Arca da Aliança, artefato bíblico produzido por Moisés sob a incumbência de Deus, para serem guardadas as Tábuas da Lei do Antigo Testamento. “Farão uma arca de madeira de acácia; [...] Tu a recobrirás de ouro puro por dentro, e farás por fora, em volta dela, uma bordadura de ouro. [...] Farás também uma tampa de ouro puro [...]”. (ÊXODO, 25, 10-11. 17).

Filch, que andara rondando despercebido um extremo do salão, se aproximou então de Dumbledore, trazendo uma arca de madeira, incrustada de pedras preciosas. Tinha uma aparência extremamente antiga. Um murmúrio de interesse se elevou das mesas dos alunos; [...]

– As instruções para as tarefas que os campeões deverão enfrentar este ano já foram examinadas pelos Srs. Crouch e Bagman – disse Dumbledore, enquanto Filch depositava a arca cuidadosamente na mesa à frente do diretor –, e eles tomaram as providências necessárias para cada desafio. (ROWLING, 2015, p. 188-189).

Depois, o Cálice de Fogo se relaciona ao Santo Graal, que é o Cálice que guardou o Sangue de Jesus Cristo na Última Ceia. “Tomou depois o cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: “Bebi dele todos, porque isto é meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos homens em remissão dos pecados”. (MATEUS, 26, 27-28). Em *Harry Potter*, o cálice é apresentado da seguinte forma:

Dumbledore puxou então sua varinha e deu três pancadas leves na tampa do escrínio. A tampa se abriu lentamente com um rangido. O bruxo enfiou a mão nele e tirou um grande cálice de madeira toscamente talhado. Teria sido considerado totalmente comum se não estivesse cheio até a borda com chamas branco-azuladas, que davam a impressão de dançar. (ROWLING, 2015, p. 189).

A arca da aliança, no Antigo Testamento, guardava o fundamento da primeira aliança, às tábuas da lei. O cálice da última ceia, ou Santo Graal, era o símbolo da nova aliança. Rowling, utilizou-se de uma arca para relacionar os objetos da Antiga e da Nova Aliança. Vale ressaltar que, é neste livro, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, que acontece um sacrifício involuntário de sangue do protagonista *Harry* para o

ressurgimento de *Voldemort*. Assim como o primeiro cálice estava ligado a um sacrifício voluntário de sangue, por Jesus, o segundo também se relaciona a um sacrifício de sangue.

Rabicho ofegava e gemia de agonia. Somente quando Harry sentiu sua respiração aflita no próprio rosto é que percebeu que o bruxo estava bem diante dele.

– *S-sangue do inimigo... tirado à força... ressuscite... seu adversário.* Harry nada pôde fazer para impedir isso, estava muito bem amarrado... procurando ver mais embaixo, lutando inutilmente contra as cordas que o prendiam, ele viu o punhal de prata reluzente tremer na mão de Rabicho que restava. Sentiu a ponta da arma furar a dobra do seu braço direito e o sangue fluir pela manga de suas vestes rasgadas. Rabicho, ainda ofegando de dor, apalpou o bolso à procura de um frasquinho que ele aproximou do corte de Harry para recolher o sangue. (ROWLING, 2015, p. 469).

Foi, portanto, tudo muito bem articulado pela autora em suas referências a realidades externas ao universo *Harry Potter*, como o caso da religião cristã. Vale salientar que, existem outras relações empreendidas por J. K. Rowling. Uma alusão que não poderia passar despercebida, nesta análise, é a referência feita à figura do mal no cristianismo, a serpente. No livro do Gênesis da Bíblia Sagrada, a origem do mal no mundo se dá pela astúcia da serpente que leva a primeira mulher, Eva, e, por conseguinte, o primeiro homem, Adão, ao pecado e afastamento de Deus pela desobediência.

A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?”. A mulher respondeu-lhe: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais.’” “Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.” (GÊNESIS, 3, 1-5).

A partir deste acontecimento, a serpente passou a ser vista sob uma perspectiva má e uma figuração do mal, e no cristianismo, uma alusão ao próprio demônio. Nessa relação, não é surpresa que *Voldemort* tenha contato direto com duas serpentes e comunica-se com elas através da ofidioglossia. A primeira, que aparece em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, é um basilisco que obedece aos seus comandos e executa suas ordens.

Algo descomunal bateu no piso de pedra da Câmara. Harry sentiu-o trepidar – ele sabia o que estava acontecendo, sentia, podia quase ver a cobra gigantesca se desenrolar para fora da boca de Slytherin. Então ouviu a voz sibilante de Riddle:

- *Mate-o.*

O basilisco estava vindo em sua direção; ele ouviu aquele corpo gigantesco deslizar pesadamente pelo chão empoeirado. Com os olhos ainda fechados, Harry começou a correr às cegas para os lados, as mãos estendidas à frente, tateando o caminho – Voldemort dava risadas... (ROWLING, 2015, p. 235).

A segunda e mais importante serpente ligada à *Voldemort* é *Nagini*, sua companheira e amiga inseparável, que ele transformou em horcrux, guardando assim uma parte de sua própria alma. Após o retorno de *Voldemort* em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, sua cobra já é apresentada nos primeiros momentos da narrativa. Ela jamais o deixa, exceto para cumprir alguma ordem sua.

– *Nagini* – disse a voz fria –, você está sem sorte. Afinal, não é hoje que vou lhe dar Rabicho para comer... mas não se incomode, não se incomode... ainda tem o Harry Potter...

A cobra sibilou. Harry viu a língua dela se agitar. (ROWLING, 2015, p. 422).

Para se concretizar uma figura do mal que se relacionasse à religiosidade cristã, não poderia haver outro animal, senão uma serpente, em virtude da alusão ao livro do Gênesis e da relação desta com a origem do mal. Vê-se, portanto, que toda obra está repleta de paralelos cristãos, entretanto, o ápice destas ligações encontram-se no último livro da saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, o qual nos aplicaremos a analisar a partir deste ponto.

4 AS RELÍQUIAS DA MORTE: MAGIA E RELIGIOSIDADE CRISTÃ

Como já foi dito, todo este trabalho se desenvolve sob uma perspectiva da literatura comparada, intertextualidade. Temos por foco a exposição da intertextualidade religiosa cristã presente na saga *Harry Potter* de Joanne Kathleen Rowling. Para tanto, já tendo apresentado estes paralelos na obra como um todo, nos aplicaremos a uma análise da obra *corpus* do nosso trabalho, o último livro que compõe a referida saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, onde as referências cristãs ganham proporções elevadas e, conseqüentemente, maior limpidez.

Segundo Venturini (2015), quando J. K. Rowling publicou a última obra da saga *Harry Potter*, o diário britânico *The Telegraph* afirmou que a autora tinha, enfim, decidido abordar a religiosidade de seus livros, assim como um pouco da sua própria experiência religiosa. Como já apresentamos no capítulo anterior, Rowling admitiu que as referências religiosas sempre estiveram presentes em toda a saga, entretanto, quis deixar essa relação muito implícita, pois, segundo ela (*apud* VENTURINI, 2015) “a melhor e mais eficaz maneira de comunicar uma mensagem importante é não falar dela muito claramente”.

A esse respeito, baseado nos estudos de Colbert, Santos (2015, p. 57) assegura:

O último livro da série não deixa realmente nenhuma dúvida de que a religião é importante para a série. Não deveria ser surpresa que o cristianismo esteja ligado à história de Harry. Tendo já feito referências a muitas outras culturas, teria sido peculiar que Rowling excluísse a sua própria religião? Quando questionada pelos media, Rowling sempre revelou as suas crenças cristãs, mas de início não quis ligar a sua fé à sua história.

Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, o cristianismo aparece de forma bem mais visível. J. K. Rowling deixou uma pista muito evidente desta ligação que foram as duas citações bíblicas sobre os túmulos em *Godric's Hollow*, sendo uma sobre o túmulo dos parentes de *Dumbledore*, “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”, (ROWLING, 2015, p. 242), E outra sobre o túmulo dos pais de *Harry Potter*, “Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte”. (ROWLING, 2015, p. 244).

Mesmo na narrativa não havendo qualquer referência de que estes textos proviessem da Bíblia Sagrada, a não ser o próprio texto em si, qualquer leitor cristão, ou mesmo não cristão, que já houvesse ouvido este texto em uma leitura da Bíblia Sagrada, faria referência às duas citações presentes nos textos sagrados. O primeiro encontra-se na primeira carta de São Paulo aos Coríntios “O último inimigo a derrotar será a morte, porque Deus *sujeitou tudo debaixo dos seus pés*”. (I CORÍNTIOS, 15, 26). E o segundo no Evangelho segundo São Mateus:

Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem, e os ladrões não furtam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração. (MATEUS, 6, 19-21).

J. K. Rowling afirmou que o cristianismo não só estava completamente ligado à saga *Harry Potter*, mas, que essas citações bíblicas eram suficientes para se fazer um resumo de toda a obra. No decorrer da própria narrativa, *Hermione Granger* explica o significado de se aniquilar a morte: “– Não significa aniquilar a morte como querem os dementadores, Harry – disse Hermione, em tom meigo. – significa... entende... viver além da morte. Viver após a morte”. (ROWLING, 2015, p. 244).

E, porventura, não é essa uma das maiores crenças e esperanças cristãs? A relação *Harry Potter* e Cristianismo é, em dados momentos, tão evidentes que se torna muito fácil a sua percepção, como, por exemplo, o sacrifício de Jesus e a vitória sobre a morte, que é repetido claramente pelo protagonista *Harry Potter*, como veremos adiante. Também, o fato do maior tesouro de *Harry* serem os seus amigos, por isso ele ser capaz de morrer, dando a vida por eles.

No último livro da saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, há a apresentação de três Relíquias, chamadas de Relíquias da Morte, que são a Varinha das Varinhas, considerada a varinha mais poderosa do mundo bruxo, a Pedra da Ressurreição, que era dotada do poder de ressuscitar os mortos, e a Capa da Invisibilidade, que ocultava a pessoa que se revestisse com ela. De acordo com a narrativa, a pessoa que possuísse estas três relíquias, tornava-se senhor da Morte.

Na história de J. K. Rowling, as Relíquias da Morte surgem a partir de uma história infantil na qual três irmãos versados em magia ao passarem por um rio evitam a morte construindo uma ponte através da magia. A morte, sentindo-se enganada, aparece aos três irmãos e lhes oferece uma recompensa pelas suas

habilidades. O primeiro pede uma varinha que pudesse vencer todos os seus inimigos, o segundo requer o poder de ressuscitar os mortos, e o terceiro, deseja algo em que pudesse sair daquele encontro com a morte sem ser seguido por ela.

A morte concede aos três irmãos as Relíquias, por isso chamadas Relíquias da Morte. Ao primeiro, a morte entrega uma varinha feita por ela com um galho da árvore de sabugueiro, dotada do poder de vencer qualquer inimigo. Ao segundo, a morte dá uma pedra apanhada à margem do rio, dotada do poder de ressuscitar os mortos e ao terceiro, a morte dá sua própria capa da invisibilidade, deixando-os partir em seguida.

Segundo Santos (2015) cada Relíquia da Morte representa um dos campos em que J. K. Rowling expôs na narrativa de *Harry Potter*, a magia, a religião e a ciência, ao que ele afirma: “Em conclusão, os Talismãs podem ser vistos como representantes ou símbolos destes três tópicos: magia, religião e ciência, através dos quais a vida humana é estudada”. (SANTOS, 2015, p. 76). São estes, portanto, os três tipos de conhecimentos que permeiam toda a saga *Harry Potter*. Entretanto, nesta nossa pesquisa se concentra apenas o aspecto religioso.

Pode-se observar que, assim como no cristianismo, em que o ápice do mistério da fé encontra-se no fim da vida de Jesus, ou seja, sua Paixão, Morte e Ressurreição, a narrativa de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, que é considerada como o ponto mais alto de toda a saga, principalmente pelo seu grande desfecho, tornam-se evidentes os paralelos feitos com o cristianismo, em especial a este momento específico da religião cristã, o momento do sacrifício de Jesus.

Tão elevado é o momento deste sacrifício para o cristianismo, que a religião católica classifica a semana em que se celebram estes mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, de Semana Santa ou Semana Maior. De acordo com a tradição, esta semana se inicia num momento de muita alegria quando Jesus entra em Jerusalém montado num jumentinho e é aclamado pelo povo que estende vestes e ramos ao chão para que Jesus passe sobre eles. A Igreja denomina este momento por Domingo de Ramos.

Todavia, a alegria dura um pequeno espaço de tempo, pois, nesta mesma semana se tem início os sofrimentos de Jesus. De acordo com a Bíblia Sagrada, o evento inicial que marca os últimos instantes de sua vida, é o momento da conspiração dos sacerdotes, em que estes procuram um meio para prender Jesus, e, em complementação, a traição de Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos.

Quando Jesus acabou todos esses discursos, disse a seus discípulos: "Sabeis que daqui a dois dias será a Páscoa, e o Filho do Homem será traído para ser crucificado". Então, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se no pátio do sumo sacerdote, chamado Caifás, e deliberaram sobre os meios de prender Jesus por astúcia e de o matar. E diziam: "Sobretudo, não seja durante a festa. Poderá haver um tumulto entre o povo". [...] Então, um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes e perguntou-lhes: "Que quereis dar-me e eu vo-lo entregarei?". Ajustaram com ele trinta moedas de prata. E desde aquele instante, procurava uma ocasião favorável para entregar Jesus. (MATEUS, 26, 1-5. 14-16).

Não foi por acaso que Rowling quis iniciar a narrativa de *Harry Potter e as Relíquias da Morte* de uma forma bem semelhante, com uma conspiração contra *Harry Potter*, onde os *Comensais da Morte*, bruxos seguidores de *Lorde Voldemort*, determinavam estratégias para prender *Harry*, e as informações são fornecidas por *Severo Snape*, alguém que fazia parte do convívio de *Harry* por ser professor de *Hogwarts*.

A sala estava cheia de pessoas silenciosas, sentadas a uma comprida mesa ornamentada. [...] Os olhares da maioria dos que estavam à mesa seguiram Snape, e foi a ele que Voldemort se dirigiu primeiro.

- E então?

- Milorde, a Ordem da Fênix pretende transferir Harry Potter do lugar seguro em que está, no sábado ao anoitecer.

O interesse ao redor da mesa se intensificou perceptivelmente. Alguns enrijeceram, outros se mexeram, todos atentos a Snape e Voldemort. (ROWLING, 2015, p. 10-11).

Vale ressaltar que, apesar da viva semelhança, existem duas diferenças no que diz respeito a essa comparação. A primeira é que *Severo Snape*, mesmo sendo professor de *Hogwarts*, jamais foi próximo de *Harry*, diferente de Judas que por ser um dos doze apóstolos, era certamente muito ligado a Jesus. A segunda é que ao final se descobre que *Snape* não havia traído o lado do bem, pois, as informações dadas por ele faziam parte de um plano de *Dumbledore*, em que ele estando infiltrado entre os *Comensais da Morte* como espião, fornece as informações corretas para que não sejam levantadas suspeitas sobre a sua espionagem.

Você terá de informar a Voldemort a data certa da partida de *Harry* da casa dos tios – recomendou *Dumbledore*. – Se não fizer isso,

levantará suspeitas, uma vez que Voldemort o julga bem informado. Entretanto, você precisa plantar a ideia dos chamarizes: acho que isso deverá garantir a segurança de Harry. Tente confundir Mundungo Fletcher. E, Severo, se você for obrigado a tomar parte na perseguição, assegure-se de representar a sua parte convincentemente... Estou contando com você para continuar nas boas graças de Lorde Voldemort o maior tempo possível, ou Hogwarts ficará à mercê dos Carrow... (ROWLING, 2015, p. 501).

Entretanto, de forma geral, o momento em que acontece a conspiração e o fornecimento das informações por *Snape* na narrativa, está relacionado, indubitavelmente, à conspiração e à traição sofridas pelo próprio Jesus. Esse acontecimento já no início da narrativa de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, é capaz de revelar a relação intertextual com a Bíblia Sagrada, e, sobretudo, de prenunciar a sucessão da referida obra.

De forma muito discreta, outros paralelos vão surgindo ao longo da narrativa de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. São pegadas que foram deixadas pela autora sobre a sua referência à religião cristã. Algumas dessas alusões passam quase que despercebidamente em vista da brevidade de suas aparições, no entanto, não deixam de ser sinais de uma intertextualidade. Antes de retomarmos às intertextualidades explícitas, apresentaremos às implícitas.

Percebemos na obra uma grande preocupação com a alma das pessoas. Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, quando são mencionados os *dementadores*, que são criaturas das trevas que possuem o poder de consumir toda a alegria e boas lembranças de uma pessoa, deixando apenas a depressão e o desespero, assim como, de sugar a alma, matando a pessoa, revela-se que por grande poder sobre as almas, eles são responsáveis pela vigília da prisão de segurança máxima dos bruxos, *Azkaban*.

Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte* é feita referência quanto a missão dos *dementadores* de sugar almas, quando o primo de Harry, Duda, está se despedindo dele e menciona quando foi salvo por Harry de um *dementador*: “Novamente, Duda pareceu lutar com pensamentos demasiado difíceis, antes de murmurar: – Você salvou a minha vida. – Não foi bem assim. Era a sua alma que o *dementador* queria...”. (ROWLING, 2015, p. 36).

Ainda se referindo a alma, quando *Draco Malfoy*, aluno de *Hogwarts* se torna um comensal da morte, *Voldemort* designa a ele a missão de assassinar

Dumbledore. No entanto, *Dumbledore* ordena que *Snape* o faça, para que o menino não viesse a perder a sua alma.

- Se você não se importa de morrer – disse *Snape*, com aspereza –, então por que não deixa *Draco* fazer isso?
- A alma daquele menino ainda não está totalmente comprometida – contestou *Dumbledore*. – Eu não permitiria que se rompesse por minha causa.
- E a minha alma, *Dumbledore*? A minha?
- Somente você é capaz de saber se prejudicará sua alma ajudar um velho a evitar a dor e a humilhação – replicou *Dumbledore*. (ROWLING, 2015, p. 497).

De acordo com a Bíblia Sagrada não é o corpo o mais importante ao ser humano, mas, a alma. O corpo é colocado como algo temporário, mas, a alma é eterna, e, conseqüentemente, é o que deve receber a salvação. É o que afirma São Pedro na sua primeira carta “porque vós estais certos de obter, como preço de vossa fé, a salvação de vossas almas”. (I PEDRO, 1, 9). Assim, de acordo com a visão cristã, Jesus é o salvador das almas. Nesse aspecto, os *dementadores* da saga *Harry Potter* podem ser comparados a demônios no cristianismo, pois, ambos têm a mesma missão, a ruína das almas.

Uma outra referência é a breve apresentação da história do *Barão Sangrento* que assassinou a *Mulher Cinzenta* e em seguida se matou, mas, que ainda usava uma corrente como um ato de penitência: “Apanhou a arma com que tirara minha vida e usou-a para se matar. E séculos depois ele ainda usa correntes como um ato de penitência... como deveria – acrescentou, amargurada”. (ROWLING, 2015, p. 449). O ato de penitência está intrinsecamente ligado ao cristianismo, não obstante que era o apelo de João Batista ao povo, “Dizia ele: ‘Fazei penitência porque está próximo o Reino dos Céus’”. (MATEUS, 3, 2).

Uma outra relação intertextual é que, durante a saga, sobretudo em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, *Harry* é algumas vezes qualificado como o Eleito. *Dino Thomas*, um bruxo que estava fugindo da perseguição do *Ministério da Magia* por desconhecer sua genealogia e não poder provar sua legitimidade bruxa, afirma “Conheço *Harry Potter* – disse *Dino*. – E considero que ele é autêntico, o Eleito, ou o nome que quiserem lhe dar”. (ROWLING, 2015, p. 223).

Depois, em outro momento, quando o medalhão *Horcrux* foi aberto, pouco antes de ser destruído, transformou-se numa imagem de *Harry Potter* e *Hermione*

Granger, ao que passou a provocar *Rony Weasley*, que havia abandonado os dois por ciúmes, dizendo “– *Quem poderia olhar para você, quem jamais olharia para você ao lado de Harry Potter? Que foi que você já fez, comparado a O Eleito? Quem é você comparado ao Menino-Que-Sobreviveu?*” (ROWLING, 2015, p. 278, grifos da autora).

De acordo com a Bíblia Sagrada, o nome de Eleito no Antigo Testamento era um dos nomes referidos ao Messias esperado. O profeta Isaías faz a seguinte profecia: “Eis meu servo que eu amparo, meu eleito ao qual dou toda a minha afeição, faço repousar sobre ele meu espírito, para que leve às nações a verdadeira religião”. (ISAÍAS, 42, 1).

De acordo com o *Dicionário Brasileiro Globo*, eleito é aquele “Em quem recai a eleição; escolhido; preferido”. (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 2010, p. 273). Esta qualidade pode ter sido atribuída a Jesus e a *Harry Potter* pelo fato de ambos terem sido os escolhidos para uma determinada missão, ou seja, combater e vencer o mal e fazer triunfar o bem.

Outra característica que torna possível uma maior alusão de *Harry Potter* a Jesus é a crença que as pessoas depositavam em ambos, como última esperança de libertação do domínio do mal. Quando *Harry Potter* está escondido procurando as *Horcruxes*, um grupo de pessoas que o apoiavam fundaram uma rádio, secretamente, com canais mutáveis, à fim de informar os acontecimentos envolvendo o lado do bem aos apoiadores de *Harry*, visto toda a mídia, órgãos e demais entidades do mundo bruxo estarem sob a manipulação de *Lorde Voldemort*.

– *Rômulo, você continua a sustentar, como tem feito nas vezes em que compareceu ao nosso programa, que Harry Potter continua vivo?*
 – *Sustento* – respondeu ele, com firmeza. – *Não me resta a menor dúvida de que os Comensais da Morte anunciariam amplamente a morte dele se tivesse ocorrido, porque vibrariam um golpe mortal no moral dos que resistem ao novo regime. O Menino-Que-Sobreviveu continua a ser um símbolo de tudo por que estamos lutando: o triunfo do bem, o poder da inocência, a necessidade de continuar resistindo.* (ROWLING, 2015, p. 324, grifos da autora).

De igual forma, Jesus era um símbolo de luta e de esperança para o povo e para seus discípulos, ao ponto de, quando é crucificado, os discípulos de Emaús, frustrados, asseguram esta verdade.

Os nossos sumos sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem haveria de restaurar Israel e agora, além de tudo isso, é hoje o terceiro dia que essas coisas sucederam. (LUCAS, 24, 20-21).

Quando os tios de *Harry* e o seu primo *Duda* estão saindo e deixando a sua casa, *Dédalo Diggle*, o bruxo responsável por proteger os parentes de *Harry*, afirma: “... boa sorte. Espero que voltemos a nos encontrar. Você carrega nos ombros as esperanças do mundo bruxo”. (ROWLING, 2015, p. 37). De igual modo, referindo-se a Jesus, o profeta Isaías declara: “porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado; a soberania repousa sobre seus ombros, e ele se chama: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz. (ISAÍAS, 9, 5). A referência aos ombros se relaciona à cruz na qual Jesus foi crucificado.

Outro paralelo se dá quando *Harry Potter*, *Rony Weasley* e *Hermione Granger* estão comendo peixes e *Rony* reclama da comida, pois, segundo ele sua mãe era capaz de conjurar do nada uma boa comida, ao que *Hermione* retruca: “- É impossível preparar comida boa do nada! Você pode convocá-la se souber onde achar, você pode transformá-la, você pode aumentar a quantidade se já tem alguma”. (ROWLING, 2015, p. 218).

O fato de estarem comendo peixes no momento em que se discute sobre a possibilidade de multiplicação de comida, quando se tem alguma, ainda que pouco, é uma referência à multiplicação dos cinco pães e dois peixes feita por Jesus.

Um dos seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe: “Está aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixes... mas que é isto para tanta gente?”. Disse Jesus: “Fazei-os assentar”. Ora, havia naquele lugar muita relva. Sentaram-se aqueles homens em número de uns cinco mil. Jesus tomou os pães e rendeu graças. Em seguida, distribuiu-os às pessoas que estavam sentadas, e igualmente dos peixes lhes deu quanto queriam. Estando eles saciados, disse aos discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca”. Eles os recolheram e, dos pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram, encheram doze cestos”. (JOÃO, 6, 8-13).

De acordo com essa passagem das Sagradas Escrituras, Jesus faz a multiplicação dos pães e dos peixes quando uma criança apresenta uma pequena quantidade de pães e peixes que possuía. Segundo *Hermione Granger*, em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, esta é uma ação possível no mundo bruxo, a

multiplicação de algo por meio da magia, o impossível é fazer com que algo surja do nada. Jesus, nesta passagem, multiplica o pouco que tem, mas, não faz aparecer outro item além daqueles que tem.

As analogias ao cristianismo continuam a aparecer ainda com mais frequência nesta última obra da saga *Harry Potter*. Em outro ponto, há uma referência direta ao momento da prisão de Jesus, da traição e do beijo de Judas.

Jesus ainda falava, quando veio Judas, um dos Doze, e com ele uma multidão de gente armada de espadas e cacetes, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. O traidor combinara com eles este sinal: "Aquele que eu beijar, é ele. Prendei-o!". Aproximou-se imediatamente de Jesus e disse: "Salve, Mestre". E beijou-o. Disse-lhe Jesus: "É, então, para isso que vens aqui?". (MATEUS, 26, 47-50).

Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, os *Comensais da Morte* armam para apanhar *Harry Potter* caso ele aparecesse em *Hogsmeade*, vilarejo bruxo que possuía uma estrada que ligava a Escola de *Hogwarts*. Quando *Harry* entra no vilarejo um tipo de alarme dispara, e *Harry*, *Rony* e *Hermione* escondem-se. Neste momento, os *Comensais da Morte* começam a gritar para que *Harry* apareça, pois, sabem que ele está ali e ameaçam chamar os *Dementadores*:

– Estavam de prontidão – sussurrou Harry. – Armaram aquele feitiço para avisá-los da nossa chegada. Imagino que tenham feito alguma coisa para nos segurar aqui, nos encurralar...
 – Que tal uns dementadores? – gritou outro Comensal da Morte. – Se os deixássemos à vontade, eles não demorariam a encontrá-lo.
 – O Lorde das Trevas não quer que ninguém mate Potter exceto ele...
 – ... e os dementadores não irão matar Potter! O Lorde das Trevas quer a vida dele, e não a alma. Será mais fácil matá-lo se tiver sido beijado antes! (ROWLING, 2015, p. 405).

Esta fala do *Comensal da Morte*, da facilidade de se matar *Harry*, sendo beijado antes, é uma referência ao que acontece a Jesus, conforme apresentado na passagem bíblica acima, do beijo de Judas, antes da prisão e morte de Jesus. Em outro momento, podemos citar ainda uma breve referência a última ceia de Jesus, mesmo não havendo riqueza de detalhes, há a menção da última refeição de *Harry Potter*, *Hermione Granger* e *Rony Weasley*, na casa de *Aberforth*, irmão de *Dumbledore*, tal como Jesus faz uma refeição com seus amigos antes de sua morte.

– Tenho comida – disse Aberforth, e saiu da sala, reaparecendo momentos depois com uma grande fôrma de pão, queijo e uma jarra de metal com hidromel, que depositou em uma mesinha à frente da lareira. Famintos, eles comeram e beberam, e por algum tempo o silêncio foi quebrado apenas pelos estalidos do fogo na lareira, o tilintar de taças e o som de mastigação. (ROWLING, 2015, p. 408).

As Sagradas Escrituras evidenciam claramente a última refeição de Jesus com seus discípulos:

Chegada que foi a hora, Jesus pôs-se à mesa e com ele os apóstolos. Disse-lhes: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer. Pois vos digo: não tornarei a comê-la, até que ela se cumpra no Reino de Deus”. Pegando o cálice, deu graças e disse: “Tomai este cálice e distribuí-o entre vós. Pois vos digo: já não tornarei a beber do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus”. Tomou em seguida o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim”. Do mesmo modo tomou também o cálice, depois de ceiar, dizendo: “Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós... (LUCAS, 22, 14-20).

São, pois, estas referências que encontramos de forma implícita em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Existem ainda outras referências que são bem mais explícitas, como as citações bíblicas dos túmulos em *Godric's Hollow*, as quais já apresentamos, e outras que apresentaremos a partir deste momento.

Como mencionamos resumidamente no capítulo anterior, a história de *Harry Potter* já tem início sob uma grande perspectiva religiosa, o sacrifício de *Lílian Potter*, mãe de *Harry*, que se dispõe a morrer no lugar do seu filho. Vemos em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, que após *Lord Voldemort* assassinar *Tiago*, pai de *Harry*, se adianta para concluir o trabalho, ou seja, matar *Lílian* e seu filho.

Ele arrombou a porta, atirou para o lado a cadeira e as caixas apressadamente empilhadas para defendê-la com um displicente aceno da varinha... e ali estava ela, a criança nos braços. Ao vê-lo, Lílian largou o filho no berço às suas costas e abriu bem os braços, como se isso pudesse adiantar, como se ocultando-o esperasse ser escolhida como alvo...

– O *Harry* não, o *Harry* não, por favor, o *Harry* não!

– Afaste-se, sua tola... afaste-se, agora...

– *Harry* não, por favor, não, me leve, me mate no lugar dele...

– Este é o meu último aviso...

– *Harry não! Por favor... tenha piedade... tenha piedade... Harry não! Harry não! Por favor... farei qualquer coisa...*
 – *Afaste-se... afaste-se, garota...*
Ele poderia tê-la afastado do berço à força, mas lhe pareceu mais prudente liquidar todos...
O clarão verde lampejou pelo quarto e ela tombou como o marido. Todo esse tempo, a criança não gritava: sabia ficar em pé segurando as grades do berço, e ergueu os olhos para o rosto do intruso com uma espécie de vivo interesse, talvez achando que fosse seu pai escondido sob a capa e que ele produziria mais luzes bonitas, e sua mãe reapareceria a qualquer momento, rindo...
Ele apontou a varinha certamente para o rosto do menino: queria ver acontecer, a destruição desse perigo inexplicável. A criança começou a chorar: notara que ele não era Tiago. Não gostava de bebê chorando, nunca fora capaz de suportar as criancinhas choramingando no orfanato...
 – *Avada Kedavra!*
Então ele sucumbiu: não era mais nada exceto dor e terror e precisava se esconder, não aqui nos destroços da casa em ruínas, onde a criança estava presa, aos berros, mas longe... longe...
 (ROWLING, 2015, p. 255, grifos da autora).

Está aí descrito o sacrifício de *Lílian* para salvar *Harry Potter*, dando sua própria vida por ele. Por este sacrifício de amor, *Lorde Voldemort* não consegue matar o pequeno *Harry*, quando ele ainda é criança, e ainda é derrotado neste confronto. Segundo Santos (2015, p. 58) “Tal como a história termina com o sacrifício de *Harry* em *Deathly Hallows*, também começa com um evento semelhante que terá tido lugar muito tempo antes. A mãe de *Harry* sacrifica-se para salvar *Harry*, e esta ação cria um poder sobrenatural”.

Segundo a narrativa de *Harry Potter*, o amor afastava *Voldemort*, pois, sua alma não suportava este sentimento. Quando *Harry Potter* perde seu grande amigo *Dobby*, um elfo doméstico que fora libertado por astúcia do próprio *Harry*, *Voldemort* tenta invadir a sua mente, pois, na noite em que *Harry* foi atingido pela maldição de morte, saindo apenas com uma cicatriz, *Voldemort*, sem querer, fez do menino uma *Horcrux*, o que lhe concedeu o poder de adentrar sua mente. No entanto, naquele momento não consegue penetrar à mente de *Harry* pelo amor e tristeza que emergiam de seu coração ante a morte de seu grande amigo *Dobby*.

Da mesma forma que *Voldemort* não conseguira possuir *Harry* quando o garoto se consumira de pesar por *Sirius*, tampouco agora seus pensamentos conseguiam penetrar *Harry*, enquanto chorava por *Dobby*. O pesar, aparentemente, repelia *Voldemort*... embora *Dumbledore*, é claro, tivesse dito que era o amor... (ROWLING, 2015, p. 350).

A Bíblia Sagrada, no evangelho segundo São João nos mostra uma fala de Jesus que pode fundamentar a atitude de *Lilian*. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos" (JOÃO, 15, 13). Eis a essência da saga, o amor. O sacrifício de *Lilian* por aquele que ama é a maior lição e o cumprimento do maior mandamento cristão, "Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo". (JOÃO, 15, 13). É também, em contrapartida, o sentimento que *Voldemort* não é capaz de suportar.

O outro sacrifício que está completamente ligado ao sacrifício de *Lilian*, e consequentemente, ao mandamento de Jesus, é o sacrifício de *Harry Potter*, que além do mais, está absolutamente ligado ao próprio sacrifício de Cristo no calvário. Para compreendermos a ligação existente nestas duas realidades, faz-se necessário seguirmos cada parte dos acontecimentos.

Em primeiro lugar deve-se compreender qual a necessidade do sacrifício. São Paulo na carta aos romanos afirma: "Porque o salário do pecado é a morte". (ROMANOS, 6, 23a). Ou seja, todo o pecado gera a morte. Quando o livro do Gênesis narra a criação do mundo e do homem, diz que o homem foi criado à semelhança de Deus, mas, que pecou gravemente desobedecendo a Deus. Este pecado foi o gerador de inúmeros outros pecados da humanidade, sendo como que uma porta de entrada aos demais.

Jesus veio ao mundo para pagar a dívida que o homem, por ter se tornado pecador, era incapaz de pagar. Então, Cristo que era justo e sem pecado, tomou sobre si o pecado do mundo e quitou a dívida, de forma que o homem pode, a partir de então, recobrar a vida eterna. Tal como afirma o profeta Isaías sobre ele:

Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades, e carregou os nossos sofrimentos; e nós o reputávamos como um castigado, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas. (ISAÍAS, 53, 4-5).

Então, Jesus morreu para destruir a dívida ou o pecado que não eram dele, mas, que ele tomou para ele a fim de dar aos homens a paz, como ele mesmo afirma: "Eu vim para que as ovelhas tenham vida e para que a tenham em abundância". (JOÃO, 10, 10), e como o profeta Isaías assegura em outra passagem da sagrada escritura:

O Justo, meu Servo, justificará muitos homens, e tomará sobre si suas iniquidades. Eis por que lhe darei parte com os grandes, e ele dividirá a presa com os poderosos: porque ele próprio deu sua vida, e deixou-se colocar entre os criminosos, tomando sobre si os pecados de muitos homens, e intercedendo pelos culpados. (ISAÍAS, 53, 11b-12).

Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, após *Harry* destruir quase todas as *horcruxes* descobre, através da lembrança de *Snape* que ele era a sétima *Horcrux* e que se quisesse destruir *Voldemort* precisaria morrer, pois, uma parte da alma de *Voldemort* vivia nele e enquanto essa parte existisse, *Voldemort* não poderia ser destruído.

– Conte-lhe que na noite em que Lorde *Voldemort* tentou mata-lo, quando *Lilian* pôs a própria vida entre os dois como um escudo, a Maldição da Morte ricocheteou em Lorde *Voldemort*, e um fragmento da alma dele irrompeu do todo e se prendeu à única alma sobrevivente na casa que desabava. Parte de Lorde *Voldemort* vive em *Harry*, e é esta parte que lhe dá tanto a capacidade de falar com cobras quanto uma ligação com a mente de Lorde *Voldemort* que ele jamais entendeu. E enquanto esse fragmento de alma, de que *Voldemort* não sentiu falta, permanecer preso e protegido por *Harry*, Lorde *Voldemort* não poderá morrer. (ROWLING, 2015, p. 500).

Ora, assim como no cristianismo apenas um homem sem pecado poderia pagar a dívida deixada por *Adão*, visto *Adão* ser um ser imaculado antes da desobediência, e também, a consequência do pecado impedir o povo de ter paz e de alcançar a eternidade, em *Harry Potter*, *Voldemort* era o entrave à paz no mundo bruxo e *Harry Potter* era o único com a capacidade de destruí-lo, pois, uma parte de *Voldemort* vivia dentro dele, mas, para isso tanto *Harry*, quanto *Jesus*, precisavam morrer, destruindo assim, o mal que eles traziam consigo, mas, que não eram deles.

Quando *Dumbledore* revela a necessidade da morte de *Harry Potter*, *Severo Snape* revolta-se com esta notícia dizendo: “– Espionei por você, menti por você, corri risco mortal por você. Supostamente tudo para manter o filho de *Lilian Potter* vivo. Agora você me diz que o estive criando como um porco para o abate... (ROWLING, 2015, p. 500). O profeta *Isaías* refere-se a *Jesus* dizendo: “Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro, e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador. Ele não abriu a boca”. (ISAÍAS, 53, 7).

O Evangelho de São Marcos narra que antes de Jesus entregar-se à morte, passa por um momento de angústia e solidão, sofrendo ante à face da morte:

Adiantando-se alguns passos, prostrou-se com a face por terra e orava para que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. “*Aba!* (Pai!), suplicava ele. Tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, senão o que tu queres. (MARCOS, 14, 35-36).

De igual modo, *Harry Potter* passa por esse sofrimento, vendo a morte aproximar-se e aumentar-lhe o medo.

Finalmente, a verdade. Deitado com o rosto no carpete empoeirado do gabinete, onde no passado ele pensara estar aprendendo os segredos da vitória, Harry compreendeu, por fim, que não devia sobreviver. Sua tarefa era seguir calmamente para os braços abertos da Morte. (ROWLING, 2015, p. 503).

Harry avança para os braços abertos da Morte, como Cristo avançou para os braços abertos da Cruz. Mas, antes de ir finalmente cumprir sua missão, vira por três vezes em sua mão a pedra da ressurreição, onde encontra-se com seu pai, *Tiago Potter*, seu padrinho *Sirius Black*, *Remo Lupin* e sua falecida mãe, *Lílian Potter*, a quem ele pede que fique ao seu lado: “Harry olhou para a mãe. – Fique perto de mim – disse baixinho”. (ROWLING, 2015, p. 509).

Lílian permaneceu ao lado de *Harry Potter* na hora de sua morte. Nas Sagradas Escrituras, o evangelista João afirma que Maria permaneceu de pé junto à cruz de Jesus.

Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que ele amava, disse à sua mãe: “Mulher, eis aí teu filho”. Depois disse ao discípulo “Eis aí tua mãe”. E dessa hora em diante o discípulo a recebeu como sua. (JOÃO, 19, 25-27).

Nas duas narrativas, a mãe é a figura que permanece unida ao filho que morre. Em ambas, é o filho quem se entrega livremente à morte. *Harry Potter* cruza a floresta e se encontra com *Voldemort* para livremente cumprir sua missão.

Harry encarou os olhos vermelhos e desejou que acontecesse naquele instante, rapidamente, enquanto ele ainda se mantinha de pé, antes que se descontrolasse, antes que traísse o seu medo... Ele viu a boca se mover e um clarão de luz verde e tudo desapareceu. (ROWLING, 2015, p. 512).

Jesus, tendo sido crucificado livremente, cumprido a sua missão entrega o seu espírito.

Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava consumado, para se cumprir plenamente a Escritura, disse: "Tenho sede". Havia ali um vaso cheio de vinagre. Os soldados encheram de vinagre uma esponja e, fixando-a numa vara de hissopo, chegaram-lhe à boca. Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: "Tudo está consumado". Inclinou a cabeça e entregou o espírito. (JOÃO, 19, 28-30).

Após a morte de Jesus, segundo a tradição cristã, Jesus foi libertar as almas que o aguardavam ansiosamente na mansão dos mortos. Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, Harry, se encontra em um lugar desconhecido para ele. "Ele estava de bruços, escutando o silêncio. Absolutamente sozinho. [...] Harry tomou consciência de que estava nu. Convencido de sua total solidão, isso não o preocupou, mas, deixou-o ligeiramente intrigado". (ROWLING, 2015, p. 513).

Baseado em Colbert, Santos (2015, p. 58), afirma que a entrada de *Harry Potter* em um espaço misterioso entre a vida e a morte, faz alusão à aspectos religiosos que estão presentes na saga.

Não é também por acidente que "King's Cross" seja o título do capítulo no qual Harry entra no que Rowling chama de uma espécie de limbo entre a vida e a morte. Neste momento, Rowling alude a passagens na Bíblia que falam de Jesus Cristo como o "Rei dos Reis" e faz também alusão à morte de Jesus na cruz.

É neste lugar que *Harry* encontra-se com *Dumbledore*, e dialoga sobre o que de fato acontecera com ele e sobre onde estava.

- Mas você está morto – disse Harry.
- Ah, sim – respondeu *Dumbledore*, sem rodeios.
- Então... eu estou morto também?
- Ah – disse o diretor com um sorriso ainda maior. – Essa é a dúvida, não é? De modo geral, meu caro rapaz, acho que não. Eles se encararam, o velho ainda sorrindo.
- Não? – repetiu Harry.
- Não.

- Mas... – Harry levou instintivamente a mão à cicatriz em forma de raio. Aparentemente sumira. – Mas eu deveria ter morrido... não me defendi! Deliberadamente deixei que me matasse!
- E isso, acho eu, terá feito toda a diferença. (ROWLING, 2015, p. 514-515).

Tendo concluído todo este diálogo com *Dumbledore*, restava ainda uma dúvida a *Harry Potter*, se deveria voltar a sua realidade ou não, tal como ele mesmo questiona:

- Tenho que voltar, não é?
 - Isto depende de você.
 - Tenho opção?
 - Ah, sim. – *Dumbledore* sorriu. – Estamos em King's Cross, não foi o que você disse? Acho que, se decidir não voltar, você poderia... digamos... tomar um trem.
 - E aonde ele me levaria?
 - Em frente – respondeu *Dumbledore*, com simplicidade.
- Novo silêncio.
- *Voldemort* tem a Varinha das Varinhas.
 - Verdade. *Voldemort* tem a Varinha das Varinhas.
 - Mas o senhor quer que eu volte?
 - Acho que se você escolher voltar, há uma chance de que ele seja liquidado para sempre. Não posso prometer. Mas de uma coisa eu sei, Harry, você tem menos a temer do que ele ao retornarem para cá. (ROWLING, 2015, p. 524-525).

Com este sacrifício, *Harry Potter* permitiu que o próprio *Voldemort* matasse a parte de sua alma que vivia dentro de *Harry*, e *Harry*, provando da morte, encontrasse no limbo entre a vida e a morte, dotado do poder de decisão sobre voltar ou não ao mundo, assim como Jesus. Ao decidir voltar, a narrativa apresenta *Harry*, novamente no lugar em que sofreu o ataque: "Harry estava novamente deitado com o rosto no chão". (ROWLING, 2015, p. 526).

Na Bíblia Sagrada lemos que as mulheres que foram visitar o sepulcro de Jesus "Entrando no sepulcro, viram, sentado do lado direito, um jovem, vestido de roupas brancas, e assustaram-se. Ele lhes falou: 'Não tenhais medo. Buscais Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ele ressuscitou, já não está aqui. [...]'" (MARCOS, 16, 5-6).

O retorno de *Harry Potter* à vida faz intertextualidade à ressurreição de Jesus dentre os mortos que é a centralidade da fé cristã, tal como afirma São Paulo na primeira carta aos Coríntios: "Se cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. [...] Mas não! Cristo ressuscitou dentre os mortos, como

primícias dos que morreram!” (I CORÍNTIOS, 15, 14. 20.). Portanto, J. K. Rowling, através do fenômeno da intertextualidade, recriou a ressurreição de Jesus em *Harry Potter*.

Tendo retornado, *Harry* empreende, enfim, a última batalha contra *Voldemort*, vencendo-o:

A luz iluminou o rosto dos dois ao mesmo tempo, de modo que Voldemort se tornou subitamente um borrão chamejante. Harry ouviu o seu grito agudo quando ele próprio berrou sua grande esperança para o céu, apontando a varinha de Draco:

– *Avada Kedavra!*

– *Expelliarmus!*

O estampido foi o de um tiro de canhão e as chamas douradas que jorraram entre as duas, no centro absoluto do círculo que eles tinham descrito, marcaram o ponto em que os feitiços colidiram. Harry viu o jato verde da maldição de Voldemort ir de encontro ao seu próprio feitiço, viu a Varinha das Varinhas voar para o alto, escura contra o nascente, girar pelo céu encantado como a cabeça de Nagini, girar pelo ar em direção ao senhor que se recusava a matar e que viera, enfim, tomar legitimamente posse dela. E Harry, com a habilidade infalível de um apanhador, agarrou a varinha com a mão livre ao mesmo tempo que Voldemort caía para trás de braços abertos, as pupilas ofídicas dos olhos vermelhos virando para dentro. Tom Riddle bateu no chão com uma finalidade terrena, seu corpo fraco e encolhido, as mãos brancas vazias, o rosto de cobra apático e inconsciente. Voldemort estava morto, atingido pelo ricochete de sua própria maldição, e Harry ficou parado com as duas varinhas na mão, contemplando o invólucro do seu inimigo. (ROWLING, 2015, p. 539-540).

Segundo Santos (2015, p. 58), esta batalha final entre *Harry* e *Voldemort* faz intertextualidade à Bíblia Sagrada e a morte voluntária de Cristo na cruz, ele afirma: “O confronto final de Harry com Voldemort é um bom exemplo da crença de Rowling. Harry derrota Voldemort com uma ação, cujo propósito é lembrar ao leitor a imagem de Cristo na cruz, e Harry regressa à vida tal como acontece a Jesus na Bíblia”.

Quando *Harry Potter* vence *Lord Voldemort*, a narrativa de *Harry Potter e as Relíquias da Morte* apresenta o nascer do sol e o triunfo da paz sobre o mundo bruxo:

O sol subiu gradualmente sobre Hogwarts, e o Salão Principal resplandecia de vida e luz. Harry era uma parte indispensável da mescla de manifestações de júbilo e luto, de pesar e comemoração. Todos o queriam ali, seu líder e símbolo, seu salvador e guia, e que ele não tivesse dormido, que desejasse a companhia de apenas uns poucos, não parecia ocorrer a ninguém. (ROWLING, 2015, p. 540).

De igual modo, a Bíblia Sagrada, no livro do Apocalipse, narra uma visão bem semelhante quando o povo é liberto do mundo e pode, assim, gozar do Reino de Deus.

Vi, então, um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existia. Eu vi descer do céu de junto de Deus, a Cidade Santa, a nova Jerusalém, como uma esposa ornada para o esposo. Ao mesmo tempo, ouvi do trono uma grande voz que dizia: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens. Habitará com eles e serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque passou a primeira condição”. (APOCALIPSE, 21, 1-4).

Também, após a coragem de *Harry* de, livremente, entregar-se à morte, ele é qualificado, assim como Jesus, de Senhor da Morte. São Paulo diz a respeito de Jesus: “Para isso é que morreu Cristo e retomou a vida, para ser o Senhor tanto dos mortos como dos vivos”. (ROMANOS, 14, 9). *Dumbledore* diz à *Harry*: “Você é o verdadeiro senhor da Morte, porque o verdadeiro senhor não busca fugir da morte. Ele aceita que deve morrer, e compreende que há coisas piores, muito piores do que a morte no mundo dos vivos”. (ROWLING, 2015, p. 524).

Quando J. K. Rowling diz que preferiu não tratar o fenômeno religioso em sua obra abertamente, pois, poderia ter revelado o final, ela quis dizer, segundo Santos (2015, p. 57), é que:

[...] alguns leitores teriam adivinhado que a história de *Harry* terminaria como a história de Jesus Cristo na Bíblia: em vez de lutar contra o seu inimigo, Jesus está disposto a morrer de forma a salvar a humanidade dos seus pecados e, depois de morrer, ressuscita. Esta história é semelhante ao que acontece no fim do último livro, *Deathly Hallows*: *Harry* escolhe não lutar contra *Voldemort*, mas sacrificar-se por aqueles que ama. Depois parece que ele morre, mas volta à vida. Após o seu regresso, *Harry* até oferece misericórdia a *Voldemort* apesar de todos os seus pecados passados.

Por fim, vale ressaltar que, antes que *Harry* pudesse destruir *Voldemort*, ele precisava destruir as sete *horcruxes* que guardavam fragmentos da sua alma, pois, se estes fragmentos continuassem existindo, *Voldemort* não poderia morrer. Após *Harry* se entregar à morte, pois, era uma *Horcrux*, fica faltando apenas *Nagini*, a serpente de *Voldemort*. No livro do Gênesis, a serpente é o animal mais astuto e o

responsável pelo pecado de Adão e Eva, no qual, em virtude de sua astúcia, Deus declara: "Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar". (GÊNESIS, 3, 15).

Não é por acaso que a serpente é a última *Horcrux* a ser destruída, mas, esta fazia referência ao animal causador do mal, segundo o cristianismo. Para que *Harry* possa destruir *Voldemort*, é preciso que antes a serpente seja destruída, trabalho que *Neville Longbottom* executa, decepando a cabeça da serpente:

Com um único movimento rápido e fluido, Neville se libertou do Feitiço do Corpo Preso que o imobilizava; o chapéu em chamas caiu de sua cabeça e, do fundo dele, o garoto puxou um objeto prateado com um punho cravejado de rubis.

O ruído da espada de prata cortando o ar não pôde ser ouvido acima do vozerio da multidão que se aproximava, ou o estrépito dos gigantes se enfrentando, ou a cavalgada dos centauros, contudo, pareceu atrair todos os olhares. Com um único golpe, Neville decepou a cabeça de Nagini, que girou no alto, reluzindo à luz que vinha do saguão de entrada, e a boca de *Voldemort* se abriu em um berro de fúria, que ninguém pôde ouvir, e o corpo da cobra bateu com um baque surdo aos seus pés... (ROWLING, 2015, p. 532).

Vemos, pois, que o animal causador do mal no mundo, segundo o cristianismo, é o último a ser destruído em *Harry Potter* para que, enfim, o mal pudesse ser aniquilado, figurado em *Lord Voldemort*, e o bem pudesse reinar. Segundo Santos (2015, p. 60) "Harry mostra o poder do amor, da misericórdia, do altruísmo e sacrifício, tal como Jesus o fez nos seus Evangelhos". Confirmando, pois, a intertextualidade bíblico-cristã presente na saga *Harry Potter*.

Compreendemos que, apesar de se haverem inúmeras acusações, por parte de religiosos cristãos, de que a saga *Harry Potter* esteja completamente ligada ao ocultismo, ao satanismo e à bruxaria, após esta análise podemos afirmar em conformidade com J. K. Rowling que "Não há nada ligado as trevas nas relíquias". (ROWLING, 2015, p. 298). Logo, o princípio do problema não são as menções a feitiços, bruxas, adivinhações, dentre outras coisas na saga, mas sim, a posição ideológica discriminatória que foi inferida, há muitos anos, a estes conteúdos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi desenvolvida uma análise intertextual de aspectos bíblico-cristãos presentes na saga *Harry Potter*, de forma geral, e com mais profundidade, na última obra que compõe a saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, de Joanne Kathleen Rowling, que foi adotada como *corpus* desta pesquisa. Logo, a pesquisa intitulada *Literatura e Cristianismo: uma análise de Harry Potter e as Relíquias da Morte*, buscou evidenciar uma analogia entre religião e literatura na referida obra.

A relevância e a pertinência desta pesquisa estão presentes na própria temática sobre a qual a pesquisa se desenvolveu, ou seja, explorar em uma obra de literatura infantojuvenil, conteúdos e campos extremamente complexos em que a obra perpassa, especificamente à religião cristã, despertando nos leitores e fãs de *Harry Potter* um olhar mais profundo à obra de Rowling.

Concluimos que J. K. Rowling, tendo se utilizado de vários campos a fim de enriquecer sua obra, encontrou na religião a inspiração e o fio condutor da produção de *Harry Potter* em sete volumes muito bem articulados, de forma que *Harry Potter*, protagonista da referida saga, faz referência à figura de Jesus e os paralelos bíblicos-cristãos estão presentes em toda a saga.

Constatamos que, no contexto da literatura infantojuvenil atual, ou fantasia épica, a autora consegue atingir os pontos necessários de sua estrutura, tornando a obra rica e de uma escrita magistral, garantindo um maior interesse de adolescentes e jovens pelo enredo e o grande sucesso de público e vendas, sobretudo pelo paralelo entre os mundos comum e mágico, simultaneamente, despertando uma aproximação do leitor à própria obra.

Compreendemos que a noção de intertextualidade abordada nesta pesquisa está completamente arraigada na literatura como um todo, de forma que não é muito difícil encontrarmos o hipotexto de determinado texto literário. E é este evento que nos dá grande satisfação, pois, outros estudos podem e devem vir a ser desenvolvidos a partir deste e a literatura comparada tende a ganhar tanto em interesse, quanto em pesquisa.

Deste modo, se aumentará o interesse no que diz respeito à literatura infantojuvenil, desconstruindo a visão de uma literatura simples e sem complexidade e, estabelecendo como uma literatura fortemente rica, sendo apreciada não somente

pelo público infantojuvenil, mas, também pelo público adulto, que tem se aproximado fortemente dessa escrita literária.

Salientamos que a última obra de Rowling na saga *Harry Potter*, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, revelou-se como um grande palimpsesto da Bíblia Sagrada, desvendando um jogo intertextual entre magia e religião, desconhecido por muitos, e manifestando o quanto de cristianismo existe na obra de *Rowling*, com o fato de sua própria crença ganhar materialidade na sua obra e essa ligação ser capaz de dar vida e emoção à mesma.

Vale salientar que o estudo que apresentamos é, necessariamente, limitado e incompleto, sobretudo, pela abordagem de nossa pesquisa, o debruçar-se em uma obra literária extremamente complexa, demasiado rica, e, ao mesmo tempo, extensa. Seria, pois, muita pretensão de nossa parte querer abarcar toda a riqueza artística e intertextual de uma obra rica em referências, em um trabalho de conclusão de curso.

Todavia, esperamos ter legado a nossa contribuição aos trabalhos com a saga *Harry Potter*, aos estudos da literatura infantojuvenil, da intertextualidade e da literatura comparada. Assim como, esperamos ter contribuído à redução das perseguições religiosas em torno da referida saga, sobre a sua ligação ao ocultismo, e termos aberto um leque de possibilidades para estudos posteriores. Por fim, “Malfeito, feito”. (ROWLING, 2015, p. 282).

REFERÊNCIAS

AMORIN, Elaine Cristina; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **Formando leitores ou bruxo?** A polêmica em torno da série Harry Potter. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 311-320.

ARISTÓTELES. **Poética**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira.

BÍBLIA SAGRADA edição de estudos. Tradução: Frei João José Pedreira de Castro. 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2015.

BINELLI, Elisa; OLIVEIRA, Eugênio Alves de; RAZUK, José Eduardo P.. Harry Potter e a magia da multiplicação de leitores. **Revista da Universidade Ibirapuera**, São Paulo, v. 12, n. 7, p.62-68, jul/dez, 2016. Semestral.

BLOG SARAIVA. **Saiba Quais São os Livros Mais Lidos do Mundo**. Disponível em: <<https://blog.saraiva.com.br/livros-mais-lidos-do-mundo/>>. Acesso em: 24 maio 2018.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017. Tradução de Laura Sandroni.

CORRALES, Luciano. A intertextualidade e suas origens. In: Anais da X Semana de Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo**. 57. ed. São Paulo: Globo, 2010. Edição ampliada e atualizada conforme a nova ortografia.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

OLIVEIRA, Teresa Cristina dos Santos Akil de. *A intertextualidade na teoria literária e nos estudos bíblicos*. In.: **Os bezerros de Arão e Jeroboão: uma análise da relação intertextual entre Ex 32,1-6 e 1 Rs 12, 26-33**. Rio de Janeiro: PUC, 2010.

POTTERISH. **Conteúdo**. Disponível em: <<https://conteudo.potterish.com/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

ROWLING, J. K.. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

_____. J. K.. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

_____. J. K.. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

_____. J. K.. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

_____. J. K.. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

_____. J. K.. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

_____. J. K.. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

SANTOS, João Fernando de Castro Gonçalves dos. **Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na saga de Harry Potter**. 2015. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Estudos Anglo-americanos: Literaturas e Culturas, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2015.

SILVA, Douglas Pereira e. **Religião e literatura: possíveis aproximações**. In: Anais do V Congresso Nacional da ANPTECRE, Curitiba, 2015.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro da. **Leitura, texto, intertextualidade, paródia**. Maringá, v. 25, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/download/2172/1354>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

VENTURINI, Simone. **A autora de Harry Potter e a fé cristã: o cristianismo pode ter inspirado uma história de magia?**. 2015. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2015/08/10/a-autora-de-harry-potter-e-a-fe-crista-o-cristianismo-pode-ter-inspirado-uma-historia-de-magia/>>. Acesso em: 25 maio 2018.